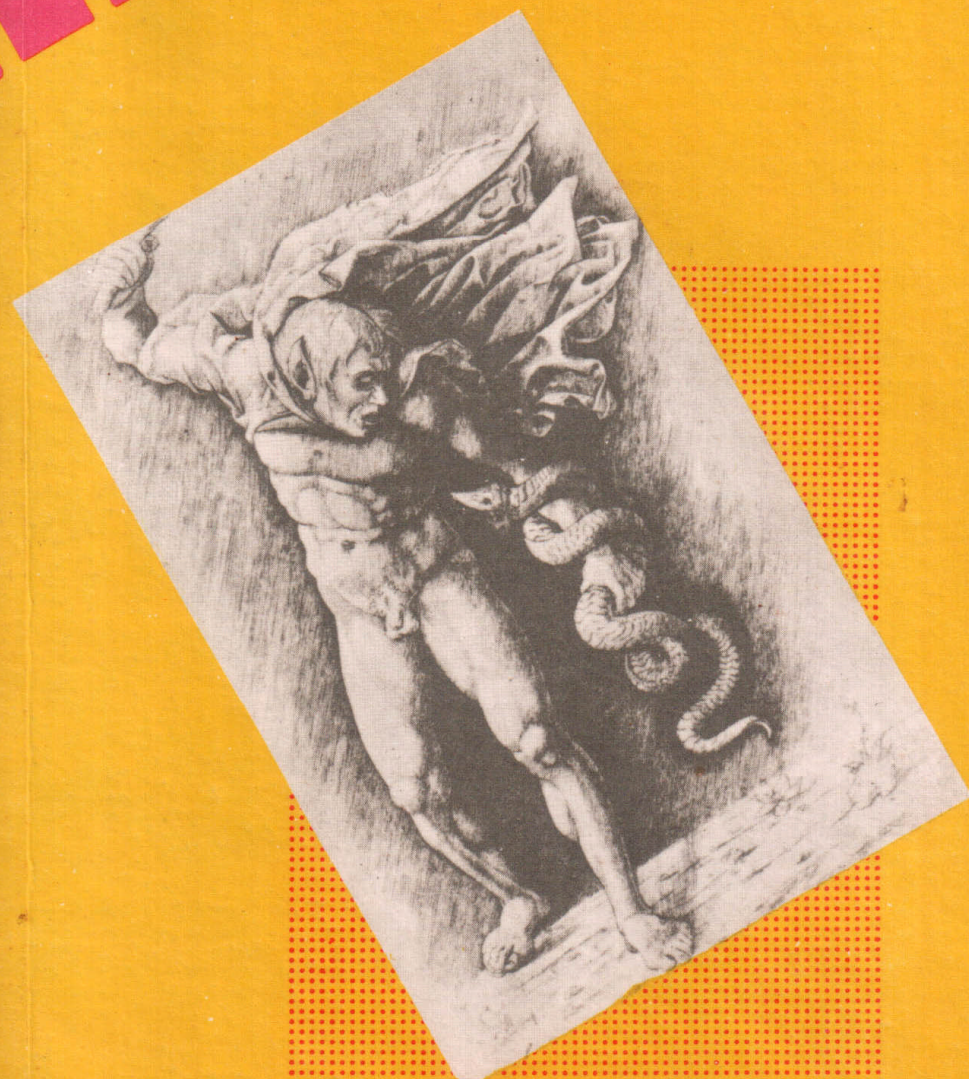


A DOENÇA COMO METÁFORA **SUSAN SONTAG**



graal

SUSAN SONTAG

**A DOENÇA
COMO METAFORA**

Tradução de
Márcio Ramalho

COLEÇÃO TENDÊNCIAS Vol. N° 6

Título original: *Illness as Metaphor* Copyright © by Susan Sontag

Capa: Fernanda Gomes

Revisão: Henrique Tarnapolsky

Diagramação: Orlando Fernandes

Direitos desta edição adquiridos para a língua portuguesa por
EDIÇÕES GRAAL LTDA.

Rua Hermenegildo de Barros, 31 A - Gloria - RJ

CEP: 20.241 - Atendemos pelo Reembolso Postal

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Para Robert Silvers

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Sontag, Susan.

S686d A Doença como metáfora / Susan Sontag;

tradução de Márcio Ramalho. — Rio de Janeiro : Edições Graal, 1984.

(Coleção Tendências ; v. n. 6)

Tradução de: *Illness as metaphor*

1. Ensaios estadunidenses I. Título II. Série

CDD — 809.9335

814

84-0849

CDU — 820(73)-4

A DOENÇA é o lado sombrio da vida, uma espécie de cidadania mais onerosa. Todas as pessoas vivas têm dupla cidadania, uma no reino da saúde e outra no reino da doença. Embora todos prefiram usar somente o bom passaporte, mais cedo ou mais tarde cada um de nós será obrigado, pelo menos por um curto período, a identificar-se como cidadão do outro país.

O que tenciono descrever não é uma emigração real para o reino dos doentes e o que seja lá viver, mas as fantasias punitivas ou sentimentais forjadas em torno dessa situação; não a verdadeira geografia, mas os estereótipos do caráter nacional. Não pretendo abordar a doença física em si, mas o uso da doença como um símbolo ou metáfora. Meu ponto de vista é que a doença *não* é uma metáfora e que a maneira mais honesta de encará-la - e a mais saudável de ficar doente - é aquela que esteja mais depurada de pensamentos metafóricos, que seja mais resistente a tais pensamentos. Por ora, é muito difícil fixar residência no país dos doentes e permanecer imune aos preconceitos decorrentes das sinistras metáforas com que é descrita a sua paisagem. a uma elucidação dessas metáforas e a uma liberação delas que dedico esta pesquisa.

1

DUAS DOENÇAS foram, intensamente e de modo similar, sobrecarregadas com ornamentos da metáfora: a tuberculose e o câncer.

As fantasias inspiradas pela tuberculose no século passado, e pelo câncer agora, constituem reflexos de uma concepção segundo a qual a doença é intratável e caprichosa — ou seja, um mal não compreendido numa era em que a premissa básica da medicina é a de que todas as doenças podem ser curadas. Tal tipo de enfermidade é misterioso por definição. Pois enquanto não se compreendeu a sua causa, e as prescrições dos médicos mostraram-se ineficazes, a tuberculose foi considerada uma insidiosa e implacável ladra de vidas. Agora é a vez do câncer ser a doença que não bate a porta antes de entrar. E o câncer que desempenha o papel de enfermidade cruel e furtiva, um papel que conservará até que, algum dia, sua etiologia se torne tão clara e seu tratamento tão eficaz quanto se tornaram a etiologia e o tratamento da tuberculose.

Embora o modo mistificador da doença seja colocado contra um cenário de novas expectativas, a enfermidade em si (outrora a tuberculose, hoje o câncer) desperta tipos de pavor inteiramente obsoletos. Qualquer doença encarada como um mistério e temida de modo muito agudo será tida como moralmente, senão literalmente, contagiosa. Assim, pessoas acometidas de câncer, em número surpreendentemente elevado, vêm-se afastadas por parentes e amigos e são objeto de procedimentos de descontaminação por parte das pessoas de casa, como se o câncer, a exemplo da tuberculose, fosse uma doença transmissível. O contato com uma pessoa acometida por doença tida como misteriosa malignidade afigura-se inevitavelmente como uma transgressão ou, pior, como a violação de um tabu. Os próprios nomes dessas doenças são tidos como possuidores de um poder mágico. Em *Armance* (1827), de Stendhal, a mãe do herói se recusa a dizer "tuberculose", pelo medo de que pronunciar a palavra acarrete o agravamento da doença do filho. E Karl Menninger observou (*The Vital Balance*) que "a própria palavra 'câncer' é tida como capaz de matar alguns pacientes que não sucumbiriam (tão rapidamente) ao mal de que sofrem". Essa observação é oferecida em

apoio de atitudes antiintelectuais de compaixão e comiseração sobremodo triunfantes na medicina e na psiquiatria contemporâneas. "Os pacientes que nos consultam por causa de seu sofrimento, sua aflição e sua impotência", prossegue, "têm todo o direito de ressentir-se por estarem sendo inscritos num índice condenatório." O Dr. Menninger recomenda que os médicos em geral abandonem "nomes" e "rótulos" ("nossa função é ajudar essas pessoas e não afligi-las ainda mais") que efetivamente implicariam um aumento da tendência a fazer segredo e ao paternalismo médico. Não pejorativo ou execrável o fato de estar doente, mas o é o nome "câncer". Enquanto uma doença for tratada como uma maldição, e considerada um destruidor invencível, e não simplesmente uma doença, os cancerosos, em sua maioria, se sentirão de fato duramente discriminados ao saber de que enfermidade são portadores. A solução não está em sonegar a verdade aos cancerosos, mas em retificar a concepção da doença, em desmitificá-la.

Há poucas décadas, quando o conhecimento de que se estava com tuberculose equivalia a ouvir uma sentença de morte - como hoje, na imaginação popular, o câncer equivale a morte -, era comum esconder dos tuberculosos a identidade de sua doença e, depois que eles morriam, ocultá-la de seus filhos. Mesmo com pacientes informados sobre sua enfermidade, os médicos e a família relutavam em conversar livremente. "Verbalmente eu não ouço nada de definido", escreveu Kafka a um amigo em abril de 1924, do sanatório onde morreria dois meses depois, "uma vez que ao discutir sobre tuberculose... todos adotam um modo desajeitado, evasivo e opaco de falar." As convenções para encobrir o câncer são ainda mais vigorosas. Na França e na Itália é regra, até nos dias atuais, entre os médicos, comunicar um diagnóstico de câncer somente a família do enfermo, e não a ele mesmo. Os médicos acham que a verdade será intolerável para quase todos os pacientes, exceto os excepcionalmente maduros e inteligentes. (Um importante oncologista francês disse-me que menos da décima parte dos seus pacientes cancerosos sabe que tem câncer.) Nos Estados Unidos de hoje - em parte por causa do medo que os médicos têm das conseqüências de um tratamento inadequado já há muito mais franqueza com os pacientes, mas o maior hospital de câncer do país remete suas comunicações de rotina e as contas em envelopes que não revelam o remetente, na presunção de que a doença possa ser um segredo de suas famílias. Sabendo que contrair câncer pode ser um escândalo capaz de pôr em perigo a sua vida sentimental, a oportunidade de promoção e até mesmo o emprego, os pacientes que conhecem o seu mal tendem a ser extremamente melindrosos, senão inteiramente reservados com relação a doença. E uma lei federal, a Lei da Liberdade de Informação, de 1966, menciona "o tratamento de câncer" num artigo que isenta de divulgação assuntos cujo conhecimento público "constituam uma invasão injustificada da privacidade pessoal". a única doença mencionada.

Esse mundo de mentiras aos doentes de câncer e por eles repetidas é uma medida de como tem sido penoso, em sociedades industriais avançadas, chegar a um acordo com a morte. A morte é agora um acontecimento agressivamente sem sentido, de modo

que uma doença largamente considerada como sinônimo de morte é tida como algo que se deve esconder. A política de confundir os cancerosos sobre a natureza da sua doença reflete a convicção de que, para as pessoas que estão morrendo, é melhor que sejam poupadas dessa notícia, e de que a boa morte é a repentina, e a melhor de todas é a que ocorre quando estamos inconscientes ou adormecidos. Também a moderna rejeição da morte não explica o alcance da mentira e o desejo de ouvir mentiras; ela não atinge o medo mais profundo. Para quem teve uma trombose coronária há pelo menos tanta probabilidade de morrer de outra em pouco tempo quanto para quem está com câncer há probabilidade de morrer em pouco tempo de câncer. Mas ninguém pensa em esconder a verdade de um paciente cardíaco: não há nada de vergonhoso num ataque do coração. Mente-se aos pacientes cancerosos não só porque a doença é (ou é tida como) uma sentença de morte, mas porque é considerada obscena, no sentido original da palavra: de mau presságio, abominável, repugnante aos sentidos. As doenças cardíacas implicam fraqueza, transtorno e carência física. Nelas não há qualquer ignomínia e nenhum dos tabus que outrora cercavam as pessoas acometidas de tuberculose e ainda cercam as que têm câncer. As metáforas ligadas a tuberculose e ao câncer implicam ativos processos de natureza particularmente horrível.

2

ATRAVÉS DA MAIOR parte da sua história, os diferentes empregos metafóricos da tuberculose e do câncer se entrecruzam e se sobrepõem. O *Oxford English Dictionary* registra *consunção* como estando em uso na condição de sinônimo de tuberculose pulmonar desde 1398.¹ (João de Trevisa: "Quando o sangue se torna fino, então segue-se a consunção e a devastação.") Mas o entendimento pré-moderno do câncer também invoca a noção de consunção.

O *Oxford English Dictionary* dá igualmente a antiga definição figurada de câncer: "Algo que desgasta, corrói, corrompe ou consome vagarosa e secretamente." (Thomas Paynell, em 1528: "Um câncer é um melancólico apostema que come partes do corpo.") A mais antiga definição literal de câncer é um tumor, uma inchação ou uma protuberância, e o nome da doença — do grego, *karkinos*, e do latim, *câncer*, ambos significando caranguejo foi inspirado, segundo Galeno, pela semelhança entre as veias intumescidas de um tumor externo e as pernas de um caranguejo, e não, como muitos pensam, pelo fato de que uma doença metastática evolui de modo semelhante aos movimentos do caranguejo. Contudo, a etimologia indica que a tuberculose também já foi considerada um tipo de extrusão anômala: a palavra tuberculose — do latim, *tuberculum*, diminutive de *tuber*, tumefação, intumescência — significa inchação, protuberância, projeção ou crescimento mórbido.² Rudolf Virchow, que fundou a ciência da patologia celular na sexta década do século passado, imaginou o tubérculo como um tumor.

Assim, desde a remota antigüidade até bem recentemente, tuberculose era, do ponto de vista biotipológico, igual a câncer. E descrevia-se o câncer, do mesmo modo

1 O *Dictionnaire de l'ancienne langue française*, de Godefroy, cita o *Pratiquum*, de Bernard de Gordon (1495): "Tisis, c'est ung ulcere du polmon qui consume tout le corp."

2 A mesma etimologia é dada pelos dicionários franceses comuns. *La tubercule* foi introduzida no século XVI por Ambroise Paré, do latim *tuberculum*, significando *petite bosse* (pequena inchação). Na *Encyclopédie*, de Diderot, o verbete sobre a tuberculose (1765) cita a definição dada pelo médico inglês Richard Morton no seu *Phthisiologia* (1689): "*des petits tumeurs qui paraissent sur la surface du corps*". Em framês, todos os pequenos tumores superficiais eram outrora chamados *tubercules*; a palavra so se tornou restrita ao que identificamos como tuberculose após a descoberta do bacilo por Koch.

que a tuberculose, como um processo através do qual o corpo era consumido. As concepções modernas das duas doenças não puderam ser firmadas antes do advento da patologia celular. Somente com o microscópio é que foi possível distinguir o câncer como um tipo de atividade celular e compreender que a doença nem sempre tomava a forma de um tumor externo ou mesmo palpável. (Antes de meados do século XIX, ninguém poderia ter identificado a leucemia como uma forma de câncer.) E não foi possível separar definitivamente o câncer da tuberculose antes de 1882, quando se descobriu que a tuberculose é uma infecção bacteriana. Esses avanços do conhecimento médico fizeram com que as metáforas mais importantes das duas doenças se tornassem verdadeiramente distintas e, na maioria dos casos, contrastantes. Começou então a tomar forma a moderna fantasia sobre o câncer, uma fantasia que, a partir dos anos 20, herdaria a maior parte dos problemas dramatizados pelas fantasias sobre a tuberculose, mas agora com as duas enfermidades e seus sintomas concebidos de maneiras bem diferentes, quase opostas.



Entende-se a tuberculose como a doença de um órgão, o pulmão, enquanto o câncer é entendido como uma doença que pode surgir em qualquer órgão e que pode estender-se a todo o corpo.

Entende-se a tuberculose como uma doença de extremos contrastes: palidez e rubor, hiperatividade alternando com prostração. O curso espasmódico da doença é ilustrado pelo que é visto como o protótipo do sintoma da tuberculose: a tosse. O doente é atacado por acessos de tosse, cai prostrado, recupera a respiração, respira normalmente e, então, começa a tossir outra vez. O câncer é uma doença de crescimento (o neoplasma é às vezes visível, porém, mais caracteristicamente, interno), que tem uma evolução anormal e finalmente letal, sendo o seu desenvolvimento compassado, incessante e firme. Embora possa haver períodos em que o crescimento do tumor é contido (remissões), o câncer não produz quaisquer contrastes como oximoros de comportamento - atividade febril, resignação apaixonada -, tidos como típicos da tuberculose. O tuberculoso é pálido parte do tempo; a palidez do canceroso é imutável.

A tuberculose torna o corpo transparente. Os raios X, que constituem a ferramenta para o diagnóstico-padrão, permitem, freqüentemente pela primeira vez, que a pessoa veja o seu interior, que se tome transparente para si própria. Enquanto a tuberculose é, desde o início, entendida como rica em sintomas (emagrecimento progressivo, tosse, prostração, febre), e pode ser súbita e dramaticamente revelada (sangue no lenço), no câncer considera-se que os sintomas principais são, caracteristicamente, invisíveis até o estágio, quando é tarde demais. A doença, muitas vezes descoberta por acaso ou através de um exame médico de rotina, pode estar muito avançada sem exibir nenhum sintoma acentuado. Temos um corpo opaco que precisa

ser levado a um especialista para saber se ele está com câncer. O que o paciente não pode perceber, o especialista determinará pela análise de tecidos retirados do corpo. O tuberculoso pode ver suas chapas de raios X e pode até possuí-las: os pacientes do sanatório em *A Montanha Mágica* as carregam em seus bolsos. Os enfermos de câncer não costumam ver suas biopsias.

A creditava-se - e ainda se acredita - que a tuberculose produz períodos de euforia, aumento do apetite e exacerbação do desejo sexual. Parte do regime dos pacientes em *A montanha mágica* é um segundo café da manhã, tomado com enorme leite. Quanto ao câncer, acredita-se que ele destrói a vitalidade, transforma o ato de comer num suplício e embota o desejo. Imaginava-se que a tuberculose fosse um afrodisíaco e que conferisse extraordinários poderes de sedução. Quanto ao câncer, considera-se que ele dessexualiza. Mas é característico da tuberculose que muitos de seus sintomas são, enganadores - a vivacidade, que decorre do estado de nervos; as bochechas rosadas, que parecem um sinal de saúde mas resultam da febre - e que um ressurgimento da vitalidade pode ser um sinal de aproximação da morte. (Tais jorros de energia geralmente serão autodestrutivos e poderão ser destruidores de outros - recorda a lenda do Velho Oeste de Doc Holliday, o pistoleiro tuberculoso liberado de constrangimentos, morais pela devastação da sua doença.) O câncer só tem sintomas verdadeiros.

A tuberculose é desintegração, estado febril, desmaterialização. Trata-se de uma doença de líquidos - o corpo transforma-se em fleuma, muco, escarro e, finalmente, sangue - e de ar, criando a necessidade de melhores ares. O câncer é degeneração, transforma os tecidos do corpo em matéria dura. Alice James, escrevendo em seu diário um ano antes de morrer de câncer, em 1892; fala dessa "ímpia substância granítica dentro do meu peito". Mas essa substância está viva, como um feto com sua vontade própria. Novalis, num verbete escrito por volta de 1798 para sua projetada enciclopédia, define o câncer, da mesma forma que a gangrena, como "*parasitas* emplumados - eles crescem, são engendrados, engendram, têm sua estrutura, segregam, comem, etc.". O câncer é uma gravidez demoníaca. São Jerônimo devia estar pensando no câncer quando escreveu: "Aquele que tem a barriga cheia está prenhe de sua própria morte" ("*Alius tumentis aqualiculo mortem parturit*"). Embora a seqüência de ambas as enfermidades seja o emagrecimento, a perda de peso decorrente da tuberculose é interpretada de modo distinto da perda de peso que resulta do câncer. Na tuberculose, a pessoa "consumida", queimada. No câncer, o paciente é "invadido" por células estranhas, as quais se multiplicam, causando uma atrofia ou um bloqueio das funções corporais. O paciente de câncer "se enrugam" (termo de Alice James) ou "se encolhe" (termo de Wilhelm Reich).

A tuberculose é uma doença de tempo; ela acelera, ilumina e espiritualiza a vida. Tanto em inglês como em francês a consunção "galopa". O câncer tem mais propriamente estágios do que um desenvolvimento contínuo. Eventualmente, pode tratar-se de um estágio final. O câncer trabalha devagar, insidiosamente: o eufemismo

padrão usado em obituários é que alguém "morreu após Tonga enfermidade". Toda caracterização do câncer o descreve como lento, e assim foi ele usado metaforicamente pela primeira vez. "A palavra do hesitante estala como um câncer", escreveu Wyclif, em 1382 (traduzindo uma frase em Silo Timóteo, II, 2:17). E entre os empregos figurados mais antigos do câncer se acham metáforas para "ociosidade" e "preguiça".³ Metaforicamente, o câncer não é tanto uma doença do tempo quanto uma doença ou patologia do espaço. Suas principais metáforas referem-se a topografia (o câncer "se espalha" ou "prolifera" ou "se difunde"; os tumores são cirurgicamente "extirpados"), e sua conseqüência mais temida, antes da morte, é a mutilação ou a amputação de uma parte do corpo.

A tuberculose é sempre imaginada como uma doença da pobreza e da privação - falta de roupas, corpos magros, quartos sem aquecimento, higiene deficiente, alimentação inadequada. A pobreza pode não ser tão literal quanto no sótão de Mimi, em *La Bohème*; a tuberculosa Marguerite Gauthier, em *A dama das camélias*, vive no luxo, mas por dentro ela é um trapo. Ao contrário, o câncer é uma doença da classe média, uma doença ligada a afluência, ao excesso. Os países ricos têm as mais altas taxas de incidência do câncer. E a crescente incidência da doença é vista como resultante, em parte, de uma dieta rica em gordura e proteína e dos eflúvios tóxicos da economia industrial que cria a afluência. O tratamento da tuberculose se identifica com a estimulação do apetite; o do câncer, com a náusea e a perda de apetite. Os subnutridos se nutrem inutilmente. Os supernutridos não conseguem comer.

Acreditava-se que o tuberculoso podia ser ajudado e até curado por uma mudança de ares. Havia a noção de que a tuberculose era uma "doença molhada", uma doença das cidades úmidas. O interior do corpo se tornava úmido ("umidade nos pulmões" era uma expressão corrente) e devia ser secado. Os médicos recomendavam viagens a lugares altos e secos, tais como as montanhas e os desertos. Mas nenhuma mudança de ambiente é considerada capaz de ajudar o canceroso. A luta se trava toda dentro do próprio corpo. Pode ser - e cada vez mais se acredita nisso - que alguma coisa do meio ambiente seja a causa do câncer. Mas, uma vez instalado, o câncer não pode ser revertido ou diminuído por uma mudança para um melhor (isto é, menos cancerígeno) meio ambiente.

Acredita-se que a tuberculose seja relativamente indolor. Quanto ao câncer, acredita-se que seja invariavelmente muito doloroso. Admite-se que a tuberculose traga uma morte fácil, enquanto o câncer, uma morte horrível. Por mais de cem anos a tuberculose foi o meio preferido de dar um significado a morte - uma doença edificante e refinada. A literatura do século XIX está cheia de descrições de mortes quase sem

³ Conforme citado no *Oxford English Dictionary*, que dá um use figurado antigo de *câncer*: "aquele câncer, aquela lentidão pestilenta e infecta" - T. Palfreyman, 1564. E do câncer (que substituiu a forma *câncer* por volta de 1700): "Lento é o câncer que come o tempo que um príncipe deveria dedicar às coisas sublimes" - Edmund Ken, 1711.

sintomas, mortes sem sustos e mortes beatíficas causadas pela tuberculose, particularmente entre gente jovem, como a Evinha, em *A cabana do Pai Tomás*, o filho de Dombey, Paulo, em *Dombey e Filho*, e Smike, em *Nicholas Nickleby*, em que Dickens descreve a tuberculose como a "terrível doença" que torna a morte "refinada"

de seu aspecto mais vulgar.... em que a luta entre a alma e o corpo é tão gradual, calma e solene, e o resultado tão certo que, dia a dia, pouco a pouco, a parte mortal definha e murcha, e então o espírito brota leve e sangüíneo com sua carga luminosa⁴

Comparem-se essas nobilitantes e plácidas mortes por tuberculose com as ignóbeis e angustiantes mortes por câncer do pai de Eugene Gant, em *Sobre o tempo e o rio*, de Thomas Wolfe, e da irmã no filme de Bergman *Gritos e sussurros*. O tuberculoso moribundo é retratado mais bonito e mais nobre; a pessoa que está morrendo de câncer é pintada como destituída de toda a capacidade de transcendência e humilhada pelo medo e pela agonia.



Estes são exemplos de contrastes tomados da mitologia popular de ambas as enfermidades. Naturalmente, muitos tuberculosos morreram em meio a terríveis dores e há gente que morre de câncer sentindo pouca ou nenhuma dor até o fim. Tanto o pobre como o rico contraem tuberculose e câncer. E nem todos os tuberculosos tosse. Mas a mitologia permanece. Não é só pelo fato de a forma pulmonar ser a mais comum que a maioria das pessoas imagina a tuberculose, ao contrário do câncer, como uma doença de um único órgão. Ocorre que os mitos sobre a tuberculose não se ajustam ao cérebro, a laringe, aos rins, ossos ou outras partes em que o mas da doença também pode estabelecer-se, mas ajustam-se muito estreitamente as imagens tradicionais (respiração, vida) associadas aos pulmões.

Enquanto a tuberculose está relacionada com qualidades atribuídas aos pulmões, que pertencem a parte superior e espiritualizada do corpo, o câncer é notório por atacar partes do corpo (cólon, bexiga, reto, seio, cerviz, próstata, testículos) cujo reconhecimento é embaraçoso. Ter um tumor geralmente suscita sentimentos de vergonha, mas, na hierarquia dos órgãos do corpo, o câncer no pulmão é tido como menos vergonhoso do que o câncer no reto. E uma forma não tumoral de câncer se transforma agora em ficção comercial no papel outrora monopolizado pela tuberculose, como a romântica doença que ceifa uma vida jovem. (A heroína de Erich Segall, em

⁴ Cerca de um século depois, em sua edição do *Diário*, de Katherine Mansfield, publicado postumamente, John Middleton Murry usa uma linguagem semelhante para descrever Katherine Mansfield no último dia de sua vida. "Nunca vi, nem verei jamais, uma pessoa tão Bela quanto ela estava naquele dia; era como se a sublime perfeição que possuía se tivesse apoderado dela inteiramente. Para usar suas próprias palavras, os últimos 'grãos de poeira', os últimos 'sinais da degradação terrena' tinham-se afastado para sempre. Mas ela perdera a vida para salvar aquela perfeição."

Love Story, morre de leucemia - a forma "branca" [ou semelhante a tuberculose] da doença, para a qual nenhuma cirurgia mutiladora pode ser proposta e não de câncer no estômago ou nos seios.) Metaforicamente, uma doença dos pulmões é uma doença da alma.⁵ O câncer, como um mal que pode atacar em qualquer parte, é uma enfermidade do corpo. Longe de revelar algo de espiritual, ele revela que o corpo é - angustiosamente demais - apenas o corpo.

Tais fantasias florescem porque consideramos a tuberculose e o câncer muito mais do que como doenças que comumente são (ou eram) fatais. Nós os identificamos como a própria morte. Em *Nicholas Nickleby*, Dickens invective a tuberculose como a

doença em que a morte e a vida se acham tão estranhamente fundidas que a morte toma o brilho e a cor da vida, e a vida toma a forma sombria e terrível da morte; doença que a medicina nunca curou, que a saúde nunca repeliu, ou da qual a pobreza poderia gabar-se de estar imune....

E Kafka escreveu a Max Brod, em outubro de 1917, que "chegara a pensar que a tuberculose.... não é uma doença especial, nem uma enfermidade que mereça um nome especial, mas somente o próprio germe da morte, intensificado....." O câncer inspira especulações semelhantes. Georg Groddeck, cujas notáveis opiniões sobre o câncer, em *The Book of the It* (1923), antecipam as de Wilhelm Reich, escreveu:

De todas as teorias formuladas a respeito do câncer, só uma, na minha opinião, sobreviveu a passagem do tempo, a saber, a de que o câncer leva, através de estágios definidos, a morte. Com isso, quero dizer que o que não é fatal não é câncer. Daí podem concluir que eu não alimento nenhuma esperança de um novo método de cura do câncer.... só dos muitos casos de doenças chamadas de câncer mas que, na realidade, só são assim chamadas.....

A despeito do progresso obtido no tratamento do câncer, muita gente ainda subscreve a equação de Groddeck: câncer = morte. Mas as metáforas que envolvem a tuberculose e o câncer revelam muito sobre a idéia do mórbido, e como ela evoluiu, do século XIX (quando a tuberculose era a causa mais comum de morte) ao nosso tempo (quando o câncer é a doença mais temida). Os românticos moralizaram a morte de uma maneira nova: com a morte pela tuberculose, que dissolvia o corpo todo, eterificava a personalidade e expandia a consciência. Similarmente era possível, através de fantasias sobre a tuberculose, fazer da morte uma coisa estética. Thoreau, que tinha tuberculose,

⁵ Os irmãos Goncourt, em seu romance *Madame Gervaisais* (1869), referem-se á tuberculose como "essa doença das partes elevadas e nobres do ser humano", contrastando-a com "as doenças dos órgãos rudes e ordinários do corpo, que sufocam e poluem a mente do paciente " Na história "Tristão", de Mann, a jovem esposa tem tuberculose na traquéia: "... a traquéia, e não os pulmões, graças a Deus! Mas e o caso de perguntar se, se fossem os pulmões, a nova paciente não pareceria mais Pura e etérea, mais afastada das preocupações deste mundo do que parecia agora quando se inclinou, pálida e esgotada, em sua singela poltrona laqueada de branco, ao lado de seu robusto marido, para ouvir a conversação".

escreveu em 1852: "A morte e a doença muitas vezes são bonitas, como.... o brilho hético da consunção." Ninguém concebe o câncer de maneira como a tuberculose era concebida, como uma morte decorativa e, muitas vezes, lírica. O câncer é um assunto raro e ainda escandaloso na poesia. E é inimaginável que ele confira estética a doença.

3

A SEMELHANÇA mais contundente entre os mitos que envolvem a tuberculose e o câncer a que ambos são, ou eram, encarados como doenças da paixão. Na tuberculose, a febre é um sinal de ardência interior: o tuberculoso é alguém "consumido" pelo ardor, aquele ardor que leva a dissolução do corpo. O uso de metáforas extraídas da tuberculose para descrever o amor - a imagem de um amor "doentio", de uma paixão que consome - antecede de muito o movimento romântico.⁶ Começando com os românticos, a imagem se inverteu, e a tuberculose foi concebida como uma variante da doença do amor. Numa desalentada carta de 1º de novembro de 1820, escrita em Nápoles, Keats, para sempre separado de Fanny Brawne, diz: "Se eu tivesse alguma probabilidade de recuperação (da tuberculose), esta paixão me mataria." E um personagem em *A montanha mágica* explica: "Os sintomas da doença nada mais são que uma manifestação disfarçada do poder do amor; e toda doença é apenas o amor transformado."

Como outrora se pensava que a tuberculose fosse o resultado de uma paixão excessiva, que ataca as pessoas descuidadas e sensuais, hoje muitos acreditam que o câncer seja uma doença ligada a insuficiência de paixão, atacando os que são sexualmente reprimidos, inibidos, não espontâneos, incapazes de exprimir o ódio. Esses diagnósticos aparentemente opostos não são, na realidade, versões tão diferentes do mesmo ponto de vista (e merecem, na minha opinião, a mesma dose de crédito). Pois ambas as avaliações psicológicas de uma doença sublinham a insuficiência ou a falta de energia vital. Tanto quanto a tuberculose foi celebrada como uma doença da paixão, ela também foi vista como uma doença da repressão. O magnânimo herói de *O imoralista*, de Gide, contrai tuberculose (num paralelo com o que Gide percebeu ser sua própria história) porque reprimiu sua verdadeira natureza sexual; quando Michel aceita a vida, ele se recupera. Com tal cenário, hoje Michel teria de contrair um câncer.

Da mesma forma como atualmente o câncer é concebido como o preço da

⁶ Como no ato II, cena 2, da peça de Sir Georges Etherege *The Man of Mode* (1676): "Quando o amor cresce doentamente, a melhor coisa que podemos fazer é submetê-lo a uma morte violenta; não posso suportar a tortura de uma lenta e consumidora paixão."

repressão, a tuberculose já foi explicada como a seqüela da frustração. Algumas pessoas acreditam que o que é chamado de vida sexual liberada é suscetível de evitar o câncer, da mesma maneira como, aparentemente pelo mesmo motivo, o sexo outrora foi prescrito como terapia da tuberculose. Em *The Wings of Dove*, o médico de Milly Theale aconselha um caso de amor como tratamento para a tuberculose; e ela morre quando descobre que seu fingido pretendente, Merton Densher, está secretamente noivo de sua amiga Kate Croy. E em sua carta de novembro de 1820, Keats exclama: "Meu caro Brown, eu deveria tê-la quando estava com saúde, e assim eu teria continuado saudável."

De acordo com a mitologia da tuberculose, geralmente há alguns sentimentos de paixão que provocam o ataque da doença ou que se exprimem nesse ataque. Mas as paixões devem ser contrariadas e as esperanças, frustradas. E a paixão, embora comumente seja amor, poderia ser uma paixão política ou moral. No fim de *Nas vésperas* (1860), de Turgueniev, Insárov, o jovem revolucionário búlgaro no exílio, herói do romance, se dá conta de que não pode voltar a Bulgária. Num hotel em Veneza, ele adocece de saudade e frustração, contrai tuberculose e morre.

De acordo com a mitologia do câncer, geralmente é uma firme repressão de sentimentos que causa a doença. Sob a forma mais antiga e mais otimista dessa fantasia, os sentimentos reprimidos eram de ordem sexual. Agora, fazendo um notável desvio, a repressão de sentimentos violentos é vista como causa do câncer. A paixão contrariada que matou Insárov foi o idealismo. A paixão que as pessoas pensam poder causar-lhes um câncer, se não lhe derem vazão, é o ódio. Não há Insárovs modernos. Pelo contrário, há canceróforos como Norman Mailer, que recentemente explicou que, se não tivesse esfaqueado a mulher (e mexido num "sanguinário covil de sentimento"), teria contraído um câncer e "estaria ele próprio morto em poucos anos". É a mesma fantasia outrora ligada a tuberculose, porém numa versão um tanto mais sórdida.

A fonte de muitas das fantasias correntes que associam o câncer com a repressão da paixão é Wilhelm Reich, que definiu o câncer como "uma doença que se segue a uma submissão emocional, um encolhimento bioenergético, uma desistência da esperança". Reich ilustrou sua influente teoria com o câncer de Freud, que ele pensou ter começado quando Freud, naturalmente apaixonado e "muito infeliz no casamento", rendeu-se a resignação:

Ele tinha uma vida de família calma, tranqüila e decente, mas há pouca dúvida de que estava muito insatisfeito do ponto de vista sexual. Tanto sua resignação quanto seu câncer eram uma evidência disso. Freud teve de renunciar como pessoa. Teve de desistir de .seus prazeres pessoais na meia-idade.... se minha opinião sobre o câncer é correta, você desiste, se resigna e, então, definha.

"A morte de Ivan Ilyich", de Tolstói, é muitas vezes citada como uma história

exemplar da ligação entre o câncer e a resignação como traço de caráter. Mas a mesma teoria foi aplicada a tuberculose por Groddeck, que a definiu como

a força que faz definhar. O desejo tem de definhar, o desejo de gozar todas as formas de amor erótico, que é simbolizado pela respiração. E com o desejo, os pulmões definham... o corpo definha...⁷

Similarmente as atuais notícias sobre o câncer, os relatos sobre a tuberculose no século XIX apresentam, todos eles, a resignação como causa da doença. Eles também mostram como, a medida que a enfermidade progride, o doente *se torna* resignado: Mimi e Camille morrem por causa de sua renúncia ao amor, beatificadas pela resignação. O ensaio autobiográfico de Robert Louis Stevenson, "Ordered South", escrito em 1874, descreve os estágios através dos quais o tuberculoso é "ternamente alienado das paixões da vida", e uma resignação ostentatória a característica do declínio rápido dos tuberculosos, como é detalhadamente contado na ficção. Em *A cabana do Pai Tomás*, Evinha morre com uma serenidade sobrenatural, anunciando o fim a seu pai algumas semanas antes: "Minhas forças se desvanecem a cada dia e eu sei que tenho de ir." Tudo o que sabemos da morte de Milly Theale em *The Wings of the Dove* é que "ela virou o rosto Para a parede". A tuberculose era representada como o protótipo da morte passiva. Muitas vezes era uma espécie de suicídio. Em "The Dead", de Joyce, Michael Furey fica na chuva, no jardim de Gretta Conroy, na noite da véspera de sua partida para o convento; ela lhe implora que vá para casa; "ele disse que não queria viver" e, uma semana depois, morre.

Os sofrendores podem ser representados como apaixonados; porém, mais caracteristicamente, são deficientes em força vital (como na atualização contemporânea dessa fantasia, os propensos ao câncer são, aqueles que não são bastante sensuais ou não dão suficiente vazão a seu ódio). Eis como aqueles dois famosos observadores cabeçudos, os irmãos Goncourt, explicam a tuberculose de seu amigo Murger (o autor de *Scènes de la vie de Bohème*): ele está morrendo "da falta de vitalidade com a qual pudesse resistir ao sofrimento". Michael Furey era "muito delicado", como Gretta Conroy explica a seu marido "corpulento e altão", viril e subitamente ciumento. A tuberculose é celebrada como a doença de vítimas inatas, de gente sensível e passiva, de pessoas que não são suficientemente amantes da vida para sobreviver. (O que é sugerido pelas ansiosas mas sempre sonolentas beldades da arte prérafaelesca torna-se explícito nas magras jovens tuberculosas de olhos fundos pintadas por Edvard Munch). E enquanto a representação padronizada de uma morte por tuberculose põe ênfase na rematada sublimação do sentimento, a repetida figura da cortesã tísica indica que a tuberculose também foi considerada capaz de tornar *sexy* a portadora da doença.

7 A passagem continua: "... porque o desejo cresce durante a doença, porque a culpa da sempre repetida dissipação simbólica de sêmen no escarro está crescendo cada vez mais, porque o amor permite A doença pulmonar trazer beleza aos olhos e ã face, tentadores venenos!"

Como todas as metáforas de sucesso, a metáfora da tuberculose foi suficientemente rica para produzir dois empregos contraditórios. Ela descrevia a morte de alguém (como uma criança) como "boa" demais para ser sexual - afirmação de uma psicologia angelical. Também era uma maneira de descrever sentimentos sexuais, exaltando a responsabilidade pela devassidão, que é culpada por um estado de decadência ou degeneração psicológica. Era tanto uma maneira de descrever a sensualidade e de estimular as pretensões da paixão como um modo de descrever a repressão e apregoar as exigências de sublimação, de sorte que a doença induzia tanto a um "torpor do espírito" (palavras de Robert Louis Stevenson) quanto a um transbordamento de sentimentos mais elevados. Acima de tudo, era uma maneira de afirmar o valor de ser mais consciente, mais complexo psicologicamente. A saúde torna-se banal e até vulgar.

4

PARECE QUE o fato de estar tuberculoso já era associado, em meados do século XVIII, a idéia de ser romântico. No ato 1, cena 1, da sátira de Oliver Goldsmith sobre a vida provinciana, *She Stoops to Conquer* (1773), o senhor Hardcastle está discutindo indulgentemente com a senhora Hardcastle sobre o quanto ela estraga o grosseiro Tony Lumpkin, seu filho de um casamento anterior:

Senhora H.: Tenho de culpá-lo? O pobre rapaz tem andado doente demais para fazer algo de bom. Uma escola seria a sua morte. Quando ele ficar um pouco mais forte, quem sabe se um ou dois anos de latim não seriam uma boa coisa para ele?

Senhor H.: Latim para ele? Pérolas aos porcos? Não! Não! A taberna e a estrebaria são as únicas escolas aonde ele sempre há de ir.

Senhora H.: Bem, agora não devemos desprezar o rapaz, pois creio que não o teremos entre nós por muito tempo. Quem olhar no seu rosto poderá ver que ele está se consumindo.

Senhor H.: Ora, como se engordar demais fosse um sintoma.

Senhora H.: Às vezes ele tosse.

Senhor H.: Sim, quando a bebida desce pelo lugar errado.

Senhora H.: Estou realmente preocupada com seus pulmões.

Senhor H.: Na verdade, eu também, pois às vezes ele berra como uma trombeta. [Tony berra atrás do cenário.] Lá vai ele! Realmente, um tipo que está se consumindo.

Essa discussão sugere que a fantasia sobre a tuberculose já era uma idéia aceita, pois a senhora Hardcastle nada mais é que uma antologia de lugares-comuns do elegante mundo londrino que ela tem como objetivo e que era o público da peça de

Goldsmith.⁸ Goldsmith presume que o mito da tuberculose já se acha largamente disseminado, sendo a tuberculose, como era, a antítese da gota. Para os esnobes, forasteiros e arrivistas, a tuberculose era um índice de distinção, delicadeza e sensibilidade. Com a nova mobilidade (social e geográfica) que se tornou possível no século XVIII, o valor e a posição social não são estabelecidos de antemão, tendo de ser afirmados. Eles se afirmavam através de novas atitudes diante da doença. Tanto a roupa (vestimenta externa do corpo) como a doença (uma espécie de decoração interna do corpo) se tornam argumentos de novas atitudes diante da personalidade.

Em 27 de julho de 1820, Shelley, demonstrando a simpatia de um para com outro sofredor de tuberculose, escreveu a Keats que soube "que você continua a ter lima aparência de consunção". Isso não era um mero jogo de palavras. A consunção era entendida como uma maneira de aparecer e essa aparência tornou-se o elemento principal dos costumes do século XIX. Tornouse grosseiro comer com apetite. Ter a aparência de doente era algo glamouroso. "Chopin foi tuberculoso numa época em que a boa saúde não era elegante", escreveu Camille Saint-Sans em 1913. "Era de bom-tom estar pálido e esgotado; a princesa Belgiojoso passeava pelos bulevares.... pálida como a morte em pessoa." Saint-Sans estava certo ao ligar um artista — Chopin — a mais célebre *femme fatale* da época, que teve um papel importante na popularização do aspecto do tuberculoso. A idéia que se fazia do corpo, influenciada pela tuberculose, era um novo modelo de aparência aristocrática, num momento em que a aristocracia deixa de ser uma condição de poder e começa a constituir principalmente um problema de imagem. ("Ninguém pode ser tão rico; ninguém pode ser tão delgado", disse a duquesa de Windsor.) De fato, a romantização da tuberculose é o primeiro exemplo difundido daquela atividade especificamente moderna, promovendo a personalidade como uma imagem. O aspecto do tuberculoso tinha de ser considerado atraente, uma vez que se tornou um sinal de distinção, de educação. "Tusso continuamente!", escreveu Marie Bashkirtsev no *Journal*, outrora muito lido, e que foi publicado em 1887, depois de sua morte aos vinte e quatro anos de idade. "Mas, para surpresa geral, longe de tornar-me feia, isso me dá um ar de languidez que me fica muito bem." O que antes fora a moda de aristocráticas *femmes fatales* e de jovens que aspiravam a ser artistas tornou-se finalmente a esfera da moda como tal. As modas das mulheres do século XX (com seu culto pela magreza) são o ultimo baluarte das metáforas conexas com a romantização da tuberculose em fins do século XVIII e princípios do século XIX.

Muitas das atividades literárias e eróticas conhecidas como "agonia romântica"

8 Goldsmith, que se preparou para ser médico e praticou a medicina por certo tempo, tinha outros lugares-comuns sobre a tuberculose. Em seu ensaio "On Education" (1759), Goldsmith escreve que uma dieta levemente salgada, açucarada e condimentada "corrige os hábitos que consomem não raro encontrados entre filhos de pais da cidade". A consunção é vista como um hábito, uma disposição (e não uma doença), uma fraqueza que deve ser fortalecida e á quais as pessoas da cidade são mais propensas.

derivam da tuberculose e de suas transformações através da metáfora. A agonia tornou-se romântica numa visão estilizada dos sintomas preliminares da doença (por exemplo, a debilidade é transformada em languidez) e a verdadeira agonia foi simplesmente suprimida. Moças lívidas e mirradas e *MOWS* pálidos e raquíticos rivalizavam entre si como candidatos a essa doença, na maioria dos casos (na época) incapacitante e realmente aterradora. "Quando eu era jovem", escreveu Théophile Gautier, "não poderia aceitar como poeta lírico quem estivesse pesando mais que noventa e nove libras." (Note-se que Gauthier diz poeta lírico, aparentemente conformado com o fato de que os romancistas tinham de ser feitos de matéria mais rústica e pesada.) Gradativamente, o aspecto do tuberculoso, que simbolizava uma atraente vulnerabilidade, uma sensibilidade superior, tornou-se cada vez mais a aparência ideal das mulheres, enquanto os grandes homens dos meados e fins do século XIX engordaram, fundaram impérios industriais, escreveram centenas de romances, fizeram guerras e saquearam continentes.

Poder-se-ia razoavelmente supor que essa romantização da tuberculose fosse uma mera transfiguração literária da doença e que, na época de suas grandes devastações, a tuberculose provavelmente tenha sido encarada como repelente - como é o câncer agora. Certamente, no século XIX todas as pessoas sabiam, por exemplo, do mau cheiro existente na respiração do enfermo. (Descrevendo sua visita ao moribundo Murger, os Goncourt notam "o odor de carne podre neste quarto".) Até agora todas as evidências indicam que o culto da tuberculose não era simplesmente uma invenção de poetas românticos e libretistas de ópera, mas uma atitude generalizada, e que a pessoa que estava morrendo (jovem) de tuberculose era vista como uma personalidade romântica. Deve-se supor que a realidade dessa terrível doença não estivesse a altura de novas idéias importantes, particularmente sobre a individualidade. E com a tuberculose que a idéia de doença individual foi articulada, paralelamente com a idéia de que as pessoas se tornam mais conscientes na medida em que se confrontam com a morte, e nas imagens recolhidas em torno da doença pode-se ver emergindo uma idéia moderna de individualidade que, no século XX, tomou uma forma mais agressiva, senão menos narcisista. A doença era uma maneira de tornar a pessoa "interessante" - que é como "romântico" foi originalmente definido. (Schlegel, em seu ensaio "On the Study of Greek Poetry" [1975], sugere "o interessante" como o ideal da moderna - isto é, romântica - poesia.) "O ideal de saúde perfeita", escreveu Novalis num trecho do período 1799-1800, "só é interessante cientificamente"; o que é de fato interessante é a doença, "que pertence a individualização". Essa idéia - de quão interessantes são os doentes - teve sua formulação mais audaciosa e mais ambivalente através de Nietzsche, em *A vontade de poder* e outros escritos, e embora Nietzsche raramente mencione uma doença específica, aqueles célebres julgamentos sobre a fraqueza individual e a exaustão ou decadência cultural incorporam e ampliam muitos dos lugares-comuns sobre a tuberculose.

O tratamento romântico da morte afirma que as pessoas se tornam singulares e

mais interessantes por sua doença. "Estou pálido", disse Byron olhando no espelho. "Gostaria de morrer de uma consunção." Por quê? perguntou seu amigo tuberculoso Tom Moore, que estava visitando Byron em Patras, em fevereiro de 1828. "Porque todas as mulheres diriam: 'Olhem o pobre Byron, como ele está interessante assim morrendo'." Talvez a principal dádiva dos românticos a sensibilidade não seja a estética da crueldade e a beleza do mórbido (como Mario Praz sugeriu em seu famoso livro), ou mesmo a exigência de ilimitada liberdade pessoal, mas a idéia niilista e sentimental do "interessante".



A tristeza produziu o "interessante". Tratava-se de um sinal de refinamento, de sensibilidade: ser triste. Isto é, ser despossuído de poder. Em *Armance*, de Stendhal, a ansiosa mãe obtém a confirmação do médico de que Octave não está, apesar de tudo, sofrendo de tuberculose, mas apenas daquela "desgostosa e crítica melancolia característica dos jovens de sua geração e posição". A tristeza e a tuberculose tornaram-se sinônimos. O escritor suíço Henri Amiel, ele próprio tuberculoso, escreveu em 1852 no *Journal intime*:

O céu vestido de cinza, drapejado de um sombreado sutil, brumas rastejando nas montanhas distantes; a natureza se desesperando, folhas caindo por todos os lados, como as ilusões perdidas da juventude sob as lágrimas de uma tristeza incurável. O pinheiro, só, em seu vigor, verde, estóico em meio a esta universal tuberculose.

Mas é necessária uma pessoa sensível para sentir essa tristeza; ou, implicitamente, para contrair a tuberculose. O mito da tuberculose constitui o episódio quase derradeiro na longa carreira da antiga idéia de melancolia - que era a doença do artista, de acordo com a teoria dos quatro humores. O caráter do melancólico — ou do tuberculoso — era um caráter superior: sensível, criativo, um ser a parte. Keats e Shelley podem ter sofrido da doença de modo atroz. Mas Shelley consolava Keats com a declaração de que "esta consunção é uma doença particularmente ávida de gente que escreve versos tão bons quanto os que você escreveu..." O lugar-comum que ligava a tuberculose e a criatividade era tão bem estabelecido que, no fim do século, um crítico sugeriu que o progressivo desaparecimento da tuberculose era responsável pelo declínio que então se verificava na literatura e nas artes.

Mas o mito da tuberculose produziu algo mais do que uma teoria da criatividade. Forneceu um importante modelo de vida boêmia, vivida com ou sem a vocação do artista. Aquele que sofresse de tuberculose era um alienado, vagando na busca sem fim de um lugar saudável. Começando em princípios do século XIX, a tuberculose tornou-se um novo motivo de exílio, uma nova razão para viver viajando (antes disso, nem as viagens nem o isolamento em um sanatório constituíam formas de tratamento da

tuberculose). Havia lugares especiais considerados bons para os tuberculosos: em princípios do século XIX, a Itália; depois, certas ilhas do Mediterrâneo ou do Pacífico Sul; no século XX, as montanhas, o deserto, todos eles paisagens que tinham sido sucessivamente romantizadas. Keats foi aconselhado por seus médicos a mudar-se para Roma; Chopin tentou as ilhas do oeste do Mediterrâneo; Robert Louis Stevenson escolheu um exílio no Pacífico; D. H. Lawrence perambulou por meio mundo.⁹ Os românticos inventaram a invalidez como um pretexto para o lazer e para a redução das obrigações burguesas, de modo a que se vivesse somente para a arte. Era uma maneira de retirar-se do mundo sem ter de assumir a responsabilidade pela decisão, como na história de *A montanha mágica*. Depois de passar nos exames e antes de começar a trabalhar numa empresa de construção naval de Hamburgo, o jovem Hans Castorp faz uma visita de três semanas a seu primo tuberculoso no sanatório de Davos. Pouco antes de Hans "descer", o médico diagnostica uma mancha em seus pulmões. E ele permanece na montanha pelos sete anos seguintes.

Validando tantos possíveis desejos subversivos e transformando-os em devoções culturais, o mito da tuberculose sobreviveu a irrefutável experiência humana e a acumulação de conhecimentos médicos por quase duzentos anos. Embora houvesse uma certa reação contra o culto romântico da doença na segunda metade do século passado, a tuberculose conservou a maioria de seus atributos românticos - como o sinal de uma natureza superior, como uma fragilidade que cai bem - através dos fins daquele século e até o nosso. Ainda é o caso da enfermidade do jovem e sensível artista em *Long Day's Journey into Night*, de O'Neill. As cartas de Kafka constituem um compêndio de especulações sobre o significado da tuberculose, como é o caso de *A montanha mágica*, publicado em 1924, ano em que Kafka morreu. Muito da ironia de *A montanha mágica* se volta para Hans Castorp, o fleumático burguês que contrai tuberculose, a doença dos artistas. Pois o romance de Thomas Mann é um comentário tardio e autoconsciente sobre o mito da tuberculose. Mas o romance ainda reflete o mito: o burguês é, de fato, espiritualmente submetido a um processo de refinamento através da doença. Morrer de tuberculose ainda era misterioso e (muitas vezes) edificante, e assim permaneceu até que, praticamente, ninguém mais morresse disso na

9 "Por uma curiosa ironia", escreveu Stevenson, "os lugares para onde somos mandados quando a saúde nos abandona são, muitas vezes, singularmente belos [e] atrevo-me a dizer que o homem doente não fica muito inconsolável quando recebe a pena de banimento e não está inclinado a ver sua saúde afetada como o menos afortunado dos acidentados de sua vida." Mas a experiência de tal banimento forçado, como Stevenson prosseguiu descrevendo-o, era algo menos agradável. O tuberculoso não pode gostar do seu destino: "o mundo não tem mais encantos para ele".

Katherine Mansfield escreveu: "Parece que levo metade de minha vida chegando a hotéis estranhos..... A porta estranha fecha-se atrás do estranho, e então eu entro sob os lençóis. Esperando que as sombras caiam dos cantos e teçam sua lenta, lenta teia sobre o Mais Feio Papel de Parede O homem do quarto vizinho ao meu tem a mesma queixa que eu tenho. E quando acordo durante a noite ouço-o mudando de posição. Então ele tosse. E depois de um período de silêncio, eu tusso. E ele tosse de novo. Isso se arrasta por muito tempo. Até que eu sinto que somos como dois galos cantando um para o outro em falsas auroras. De longínquas e escondidas fazendas."

Europa ocidental e na América do Norte. Embora a incidência da enfermidade tenha começado a declinar drasticamente depois de 1900, em consequência de melhoramentos verificados na higiene, a taxa de mortalidade entre os que a contraíram permaneceu alta; o poder do mito só se dissipou quando o tratamento adequado foi finalmente desenvolvido, com a descoberta da estreptomicina em 1944 e a introdução da isoniazida em, 1952.

Se ainda é difícil imaginar como a realidade de uma doença tão terrível tenha sido transformada de modo tão irracional, talvez possamos ajudar a compreensão considerando certas distorções comparáveis em nosso próprio tempo, sob a pressão da necessidade de exprimir atitudes românticas. Decerto, o objeto de distorção não é o câncer, uma doença a que ninguém conseguiu atribuir glamour (embora preencha algumas das funções metafóricas que a tuberculose teve no século XIX). No século XX, a repelente e angustiante doença que se tornou índice de sensibilidade superior, veículo de sentimentos "espirituais" e descontentamento "crítico", é a insanidade.

As fantasias relativas à tuberculose e a insanidade suscitam muitos paralelos. Em ambos os casos, há confinamento. Os pacientes são mandados para um "sanatório" (a palavra comum para designar uma clínica de tuberculosos e o mais vulgar dos eufemismos para o asilo de loucos). Uma vez afastado, o doente entra num mundo dúplice com regras especiais. Como a tuberculose, a insanidade é uma espécie de exílio. A metáfora da viagem física é uma extensão da idéia romântica de viagem que era associada a tuberculose. Para curar-se, o paciente tem de ser afastado da sua rotina quotidiana. Não é um acidente o fato de que a metáfora mais comum empregada para uma experiência psicológica extrema vista positivamente - se produzida por drogas ou por psicotrópicos em moda - é uma viagem.

No século XX, a corbelha de metáforas e atitudes anteriormente ligadas a tuberculose se rompeu, dividindo-se por duas doenças. Alguns traços vão para a insanidade: a noção de que o paciente é uma criatura febril e negligente, de extremos apaixonados, alguém sensível demais para suportar os horrores do mundo vulgar e quotidiano. Outros traços da tuberculose vão para o câncer: as agonias que não podem ser romantizadas. Não é a tuberculose, mas a insanidade, que é o veículo atual de nosso mito secular da autotranscendência. A visão romântica é a de que a doença exacerba a consciência. Antigamente, essa doença era a tuberculose; agora é a demência que é tida como capaz de trazer consciência a um estado de iluminação paroxísmico. A romantização da demência reflete da maneira mais veemente o prestígio contemporâneo do comportamento irracional, ou bárbaro, dessa verdadeira impetuosidade cuja repressão se acreditou outrora ser causadora da tuberculose e agora é considerada como causadora de câncer.

5

EM *Morte em Veneza*, a paixão leva ao colapso de tudo o que fizera de Gustav von Aschenbach uma pessoa singular: sua intuição, suas inibições, seu fastio. E a doença o abate ainda mais. No fim da história, Aschenbach é mais uma vítima da cólera, e sua degradação é sucumbir a doença que ataca tanta gente em Veneza naquele momento. Quando, em *A montanha mágica*, se descobre que Castorp está tuberculoso, isso constitui uma promoção. A doença fará de Hans uma pessoa mais estranha, mais inteligente do que era antes. Numa das ficções, a doença (cólera) é a punição de um amor secreto; na outra, a enfermidade (tuberculose) é sua expressão. A cólera é o tipo de fatalidade que, retrospectivamente, simplificou uma natureza complexa, reduzindo-a a um meio enfermo. A doença que individualiza, que Poe uma pessoa em relevo contra o meio, é a tuberculose.

O que antigamente fazia a tuberculose parecer tão "interessante" - ou, como era geralmente admitido, romântica - também fez dela uma maldição e uma fonte de medo. Em contraste com as grandes doenças epidêmicas do passado (peste bubônica, tifo, cólera), que atacam cada pessoa como membro de uma comunidade atingida, a tuberculose era entendida como uma doença que isola a pessoa da comunidade. Por mais aguda que fosse a sua incidência na população, a tuberculose - como o câncer, hoje - sempre pareceu ser uma misteriosa doença de indivíduos, uma flecha mortífera que podia atingir qualquer um, personalizando suas vítimas uma a uma.

Como depois de uma morte por cólera, era prática comum a queima das roupas e outros pertences de quem tivesse sucumbido a tuberculose. "Aqueles rudes italianos estão quase terminando seu monstruoso trabalho", escreveu de Roma o companheiro de Keats, Joseph Severn, em 6 de março de 1821, duas semanas depois, que Keats morreu no pequeno quarto da Piazza di Spagna. "Eles queimaram toda a mobília e agora estão esfregando as paredes, instalando novas janelas, novas portas e ate um novo assoalho." Mas a tuberculose era apavorante não só por ser contagiosa, como a cólera, mas porque a consideravam uma "desgraça" aparentemente arbitrária e inexprimível. E as pessoas podiam crer que a tuberculose era herdada (pensemos na reincidência da doença nas famílias de Keats, das Brontës, de Emerson, Thoreau, Trollope) e também acreditavam que ela revelava algo especial sobre a pessoa afetada. De modo similar, as evidências

de que existem famílias predispostas ao câncer e, possivelmente, também um fator hereditário nessa enfermidade, podem ser reconhecidas sem perturbar a crença de que o câncer é uma doença que ataca punitivamente cada pessoa como um indivíduo. Ninguém pergunta "Por que eu?" quando contrai cólera ou tifo. Mas "Por que eu?" (no sentido de "Não é *justo!*") é a pergunta de toda pessoa ao saber que está atacada de câncer.

Embora muitos casos de tuberculose fossem atribuídos a pobreza e as condições de insalubridade, acreditava-se também que uma certa disposição interior era necessária para se contrair a doença. Médicos e leigos acreditavam num tipo característico de tuberculoso - da mesma maneira como a crença atual admite um tipo característico de pessoa propensa ao câncer, uma suposição que, longe de estar confinada ao terreno da superstição popular, acha-se presente até mesmo na opinião médica mais avançada. Em contraste com o moderno espectro de uma tendência ao câncer - num tipo de pessoa sem emoções, inibida, reprimida -, a tendência a tuberculose, que assombrava a imaginação no século XIX, era um amálgama de duas fantasias distintas, admitindo que alguém fosse, ao mesmo tempo, apaixonado e reprimido.

O outro notório flagelo entre as doenças do século XIX, a sífilis, pelo menos não era misterioso. Contrair sífilis era uma conseqüência previsível - a conseqüência, em geral, de ter relação sexual com um portador da doença. Assim, entre todas as fantasias coroadas de culpa sobre a poluição sexual ligada á sífilis, não havia lugar para um tipo de personalidade tido como especialmente suscetível de contrair a doença (como antigamente se imaginava em relação a tuberculose e hoje se imagina em relação ao câncer). O tipo da personalidade sífilítica era o de alguém que portava a doença (Osvald, em *Os fantasmas*, de Ibsen; Adrian Leverkühn, em *Doutor Fausto*), e não o de alguém que tivesse a probabilidade de adquiri-la. Em seu papel de flagelo, a sífilis implicava um julgamento moral (sobre sexo além dos limites, sobre prostituição), mas não um julgamento psicológico. A tuberculose, outrora tão misteriosa - como agora é o câncer sugeria julgamentos de tipo mais profundo sobre o doente, tanto morais como psicológicos.



As especulações do mundo antigo fizeram da doença, na maioria das vezes, um instrumento da ira divina. O julgamento era feito a uma comunidade (a praga, no Livro I da *Nada*, que Apolo lança contra os aqueus como castigo pelo rapto da filha de Crises por Agamenon; em *Édipo*, a praga que desaba sobre Tebas por causa da presença conspurcadora do pecador real) ou a uma pessoa (a fétida ferida no pé de Filoctetes). As doenças em torno das quais se juntaram as modernas fantasias - tuberculose e câncer - vistas como formas de autojulgamento, de autotraição.

A mente trai o corpo. "Minha cabeça e meus pulmões chegaram a um acordo sem o meu conhecimento", disse Kafka sobre a sua tuberculose numa carta a Max Brod em setembro de 1917. Ou o corpo trai os sentimentos, como no romance de Mann *O cisne negro*, cuja idosa heroína, vigorosamente apaixonada por um jovem, toma como retorno de suas regras o que na verdade é uma hemorragia e o sintoma de um câncer incurável. Pensa-se que a traição do corpo tem sua própria lógica interior. Freud era "muito bonito... quando falava", está escrito nas reminiscências de Wilhelm Reich. "Então ele o atacou precisamente aqui, na boca, que é onde começou meu interesse pelo câncer." Esse interesse levou Reich a propor sua versão da conexão entre uma doença mortal e o caráter daqueles que são por ela derrotados.

Na visão pré-moderna da doença, o papel do caráter foi confinado ao comportamento da pessoa após o ataque. Como qualquer situação extrema, terríveis doenças põem em cena tanto o lado pior quanto o lado melhor das pessoas. Entretanto, o que se sabe mais comumente sobre as epidemias é que a doença tem principalmente um efeito devastador sobre o caráter. Quanto mais brando é o preconceito de que a doença é um castigo pela maldade, mais provável é a idéia que acentua a corrupção moral manifesta diante da propagação da doença. Mesmo que a doença não seja considerada um julgamento na comunidade, ela se torna um julgamento - retroativamente - na medida em que põe em movimento um inexorável colapso da moral e dos costumes. Tucídides relata de que maneira a praga que se abateu sobre Atenas em 430 a.C. gerou a desordem e a ilegalidade ("O gozo do momento tomou o Lugar tanto da honra quanto da conveniência"), e corrompeu a própria língua. E todo o assunto da descrição de Boccaccio, nas primeiras páginas do *Decameron*, sobre a grande praga de 1348, é o mau comportamento que tiveram os cidadãos de Florença.

Contrastando com esse desdenhoso entendimento sobre como a maioria das lealdades e afeições se despedaça no pânico produzido pela doença epidêmica, as avaliações das doenças modernas - em que o julgamento tende a cair mais sobre o indivíduo do que sobre a sociedade - parecem exageradamente desconhecer de que miserável modo muitas pessoas recebem a notícia de que estão morrendo. A doença fatal sempre foi vista como um teste de caráter, mas no século XIX há uma grande relutância em permitir que alguém seja reprovado no teste. E os virtuosos só se tornam mais virtuosos quando escorregam para a morte. Essa é a façanha-padrão da tuberculose na ficção, caminhando junto com a espiritualização radical da tuberculose e a sentimentalização de seus horrores. A tuberculose promoveu uma morte redentora para os decaídos, como a jovem prostituta Fantine, em *Os miseráveis*, ou uma morte oferecida em sacrifício pelos virtuosos, como a heroína de *A carreta fantasma*, de Selma Lagerlöf. Mesmo os ultra virtuosos, ao morrer dessa doença, encorajam-se a si mesmos para a busca de novas alturas morais. Em *A cabana do Pai Tomás*, Evinha, em seus últimos dias, exorta o pai a tornar-se um cristão sério e a libertar seus escravos. Em *The Wings of the Dove*, depois de saber que seu pretendente é um caçador de

fortunas, Milly Theale deixa-lhe sua fortuna e morre. Em *Dombey e Filho*: "Por uma razão velada, muito imperfeitamente compreendida por ele próprio - se é que foi compreendida - [Paul] sentia um crescente impulso de afeição por quase tudo e quase todos do lugar."

Para as personagens tratadas menos sentimentalmente, a doença é vista como a ocasião para, finalmente, mostrar bom procedimento. No mínimo, a calamidade da doença pode abrir caminho para uma introspecção sobre as decepções que alguém teve consigo mesmo e as falhas de caráter ocorridas ao longo da vida. As mentiras que são ditas durante a prolongada agonia de Ivan Ilyich - quando seu câncer não pode ser mencionado a mulher e aos filhos - revelam a mentira presente em toda a sua vida; ao morrer, ele se acha, pela primeira vez, no reino da verdade. O funcionário de sessenta anos no filme de Kurosawa, *Ikiru* (1952), deixa o emprego depois de saber que está com câncer no estômago e, abraçando a causa da vizinhança de um bairro pobre, luta contra a burocracia a que servira. Com um ano de vida pela frente, Watanabe quer fazer algo que valha a pena, deseja redimir-se de sua medíocre existência.

6

NA ILIADA E NA ODISSÉIA a doença aparece como castigo sobrenatural, como possessão pelo demônio e como o resultado de causas naturais. Para os gregos, a doença podia ser gratuita, mas podia ser também merecida (por falta pessoal, transgressão coletiva ou crime praticado por ancestrais). Com o advento do cristianismo, que impôs noções mais moralizadas da doença, como de tudo o mais, gradualmente evoluiu um ajustamento mais estreito entre a doença e a "vítima". A noção de doença como castigo produziu a idéia de que uma enfermidade podia ser um castigo particularmente justo e adequado. A lepra de Cresseid, em *The Testament of Cresseid*, de Henryson, e a varíola da senhora Merteuil, em *As ligações perigosas*, mostram a verdadeira face da bela mentirosa: uma revelação sobremodo involuntária.

No século XIX, a noção de que a doença se ajusta ao caráter do paciente, como o castigo se ajusta ao pecador, foi substituída pela noção de que ela exprime miter. E um produto de vontade. "A vontade se exhibe como um corpo organizado", escreveu Schopenhauer, "e a presença da enfermidade significa que a própria vontade está enferma." A recuperação de uma doença depende de uma vontade sadia que assuma "poderes ditatoriais, de modo a subjugar as forças rebeldes" da vontade enferma. Uma geração antes, um grande médico, Bichat, usava uma imagem semelhante, definindo a saúde como "o silêncio dos órgãos" e a doença como "a sua revolta". A doença é a vontade falando através do corpo, uma linguagem para a dramatização do mental, uma forma de auto-expressão. Groddeck descreveu a doença como "um símbolo, uma representação de algo que se passa no interior, um drama encenado pelo inconsciente...."¹⁰

De acordo com o ideal pré-moderno de um caráter bem equilibrado, a expressividade deve ser limitada. O comportamento é definido por seu potencial de excesso. Assim, quando Kant faz use figurado do câncer, a como uma metáfora para os

¹⁰ Depois que sua tuberculose foi diagnosticada, em setembro de 1917, Kafka escreveu em seu diário: "... a infecção nos pulmões é apenas um símbolo", o símbolo de uma emocional "ferida cuja inflamação se chama F(elice). " A Max Brod ele escreveu: "A doença está falando por mim porque eu lhe pedi que o fizesse"; e a Felice: "No íntimo, não creio que esta doença seja uma tuberculose, ou pelo menos não principalmente uma tuberculose, mas, antes, um sinal de minha bancarrota geral."

sentimentos excessivos. "As paixões são cânceres na pura razão prática e, muitas vezes, incuráveis", escreveu Kant na *Antropologia* (1798). "As paixões são infelizes humores que estão prenhes de muitos males", acrescentou, evocando a antiga conexão metafórica entre o câncer e a gravidez. Quando Kant compara paixões (isto é, sentimentos extremados) a cânceres, certamente ele está usando o sentido pré-moderno da doença e fazendo uma avaliação pré-romântica da paixão. Logo depois, os sentimentos turbulentos viriam a ser encarados muito mais positivamente. "Não há ninguém no mundo menos capaz de esconder seus sentimentos do Rue Emile", disse Rousseau — considerando a expressão um elogio.

Na medida em que os sentimentos em excesso se tornaram positivos, não se fez mais a analogia entre eles — de modo a denegri-los — e uma doença temível. Em vez disso, a doença passou a ser vista como o veículo de sentimentos excessivos. A tuberculose é a doença que torna manifesto um intenso desejo. Isso revela, a despeito da relutância do indivíduo, o que o indivíduo não quer revelar. O contraste não mais ocorre entre paixões moderadas e excessivas, mas entre paixões ocultas e paixões que se mostram abertamente. A enfermidade revela desejos dos quais o paciente provavelmente não tinha ciência. As doenças e os pacientes tornam-se objeto de decifração. E aquelas paixões ocultas são agora consideradas uma fonte de doença. "Aquele que deseja, mas não age cria a pestilência", escreveu Blake. Trata-se de um de seus desafiadores Provérbios do Inferno.

Os primeiros românticos buscavam a superioridade através do desejo e, através do desejo, procuravam desejar mais intensamente ao que os outros o fazem. A incapacidade de realizar esses ideais de vitalidade e perfeita espontaneidade era, segundo se pensava, capaz de fazer de alguém um candidato ideal para a tuberculose. O romantismo contemporâneo parte do princípio inverso: o de que São os outros que desejam intensamente e de que é o indivíduo (as narrativas do tipicamente na primeira pessoa) que tem pouco ou nenhum desejo. Há precursores do moderno tipo romântico de insensível em romances russos do século XIX (Pechorin, em *Um herói do nosso tempo*, de Lermontov; Stavrogin, em *Os possessores*). Mas eles ainda são heróis, impacientes, amargos, autodestrutivos, atormentados por sua incapacidade de sentir. (Mesmo seus carrancudos descendentes, Roquentin, em *A náusea*, de Sartre, e Meursault, em *O estrangeiro*, de Camus, parecem confundidos por sua incapacidade de sentir.) O anti-herói passivo e sem emoção que domina a ficção americana contemporânea é uma criatura de hábitos regulares ou de insensível deboche; não autodestrutivo, mas prudente; não mal-humorado, enérgico ou cruel, mas apenas desligado. De acordo com a mitologia contemporânea, o candidato ideal ao câncer.



Deixar de considerar a doença como um castigo adequado ao caráter moral objetivo, dela fazendo uma expressão da individualidade interior, poderia parecer

menos moralista. Mas esses pontos de vista acabam por ser tanto ou mais moralistas ou punitivos. Com as doenças modernas (antigamente a tuberculose, agora o câncer), a idéia romântica de que a enfermidade exprime o caráter é invariavelmente ampliada para afirmar que o caráter é a causa da doença - porque não se exprime por si só. A paixão volta-se para dentro, golpeando e destruindo os mais profundos recessos do organismo.

"É o próprio homem enfermo que cria sua enfermidade", escreveu Groddeck; "é ele a causa da doença e não precisamos procurar nenhuma outra." Os "bacilos" lideram a lista de Groddeck das meras causas externas, seguidos de "resfriados, excesso de comida, excesso de bebida, trabalho e algo mais". Ele insiste em que é "porque não é agradável olhar para dentro de nos mesmos" que os médicos preferem "atacar as causas externas com profilaxia, desinfecção, e assim por diante", em vez de procurar as verdadeiras causas internal. Na formulação mais recente de Karl Menninger: "Em parte, a doença é o que o mundo fez com uma vítima, mas numa extensão maior é o que a vítima fez com seu mundo e consigo mesma..... " Essas absurdas e perigosas opiniões conseguem atribuir o ônus da doença ao paciente, não só enfraquecendo a sua capacidade de compreender o alcance do possível cuidado médico, mas também, implicitamente, afastando o paciente do tratamento. A cura é tida como dependente sobretudo da capacidade já seriamente provada ou enfraquecida do paciente de ter amor-próprio. Um ano antes de sua morte em 1923, Katherine Mansfield escreveu em seu *rio*:

Um mau dia..... dores horríveis e tudo mais, e fraqueza. Não poderia fazer nada. A fraqueza não era só física. *Tenho de curar meu eu* antes de ficar boa. Tenho de fazer isso sozinha e já. Esse é o motivo profundo por que não melhora. Minha mente não está *sob controle*.

Katherine Mansfield não só pensa que era o "eu" dela que a fazia doente, mas também acha que teria uma chance de curar-se de sua doença pulmonar, já desesperadamente avançada, se pudesse curar aquele "eu".¹¹

Tanto o mito sobre a tuberculose como o atual mito sobre o câncer propõem que cada um responsável por sua doença. Mas as imagens em torno do câncer são muito mais punitivas. Dados os valores românticos em uso para julgar o caráter e a doença, atribui-se um certo encanto a quem tem uma enfermidade supostamente causada por excesso de paixão. Mas é sobretudo vergonha o que se atribui a uma doença

11 Katherine Mansfield, escreveu John Middleton Murry, "adquiriu a convicção de que sua saúde corporal dependia da sua condição espiritual. Daí em diante, sua mente passou a preocupar-se em descobrir um modo de 'curar a alma'; e, para meu pesar, ela resolveu abandonar o tratamento e viver como se sua grave doença física fosse incidental e ate - tanto quanto ela conseguia - como se não existisse".

considerada conseqüência da repressão da emoção, um opróbrio que ecoa nas opiniões difundidas por Groddeck e Reich e pelos muitos escritores por eles influenciados. O ponto de vista de que o câncer a uma doença da falta de expressividade condena o portador de câncer: exprime piedade, mas também contém o desprezo. A senhorita Gee, no poema de Auden dos anos 30, "passava pelos casais amorosos" e "virava a cabeça". Então,

A senhorita Gee ajoelhou-se na nave lateral,
Ajoelhou-se sobre os joelhos;
'Não me deixe cair em tentação,
Mas faça com que eu seja uma boa moça.'
Os dias e as noites passavam por ela
Como ondas em torno dos destroços de um naufrágio;
Ela pedalou a bicicleta em direção ao médico.
Com suas roupas abotoadas até o pescoço.
Pedalou em direção ao médico,
E tocou a campainha da sala de cirurgia;
'Oh, doutor, tenho uma dor dentro de mim,
Oh não me sinto muito bem.'
O doutor Thomas a examinou, e então viu algo mais;
Caminhou em direção a bacia, Disse: 'Porque não veio antes?'
O doutor Thomas sentou-se para jantar,
Embora sua mulher estivesse esperando para chamar,
Esfarinhando o pão em pedacinhos;
Disse: 'O câncer é uma coisa engraçada.'
'Ninguém sabe qual é a sua causa,
Embora alguns tenham a pretensão de sabe-lo;
E como um assassino oculto esperando para atacar você.
'Mulheres sem filhos o contraem, e homens que se aposentam;
E como se tivesse de haver alguma saída Para a chama da criação que se frustrou.'

O tuberculoso podia ser um bandido ou um desajustado. A personalidade do canceroso é vista de modo mais simples, e com condescendência, como a de um perdedor na batalha da vida. Napoleão, Ulysses S. Grant, Robert A. Taft e Hubert Humphrey, todos eles tiveram seu câncer diagnosticado como uma reação a derrota política e a restrição a suas ambições. E as mortes por câncer daqueles que mais dificilmente poderiam ser descritos como perdedores, como Freud e Wittgenstein, foram diagnosticadas como o terrível castigo infligido por uma vida de renúncia ao instinto. (Poucos se lembram de que Rimbaud morreu de câncer.) Por outro lado, a doença que reclamou as vidas de Keats, Poe, Tchekhov, Simone Weil, Emily Brontë e Jean Vigo era tanto uma apoteose quanto um veredicto de insucesso.

7

GERALMENTE o câncer é tido como uma doença inadequada a uma personalidade romântica, em contraste com a tuberculose, talvez porque a depressão, que não é nada romântica, superou a noção romântica de melancolia. "Um traço espasmódico de melancolia", escreveu Poe, "será sempre considerado inseparável da perfeição da beleza." A depressão é a melancolia menos seus encantos, como a agitação e os espasmos.

Apoiando a teoria sobre as causas emocionais do câncer há uma florescente literatura e um exército de pesquisadores. E raramente se passa uma semana sem que apareça um novo artigo anunciando ao público a ligação científica entre o câncer e os sentimentos dolorosos. São mencionadas investigações - a maioria dos artigos se refere sempre as mesmas investigações - em que, entre, digamos, algumas centenas de cancerosos, dois terços ou três quintos declaram ter estado deprimidos ou insatisfeitos com suas vidas, ter sofrido com a perda (pela morte, rejeição ou separação) de um parente, amante, cônjuge ou amigo íntimo. Mas parece provável que, de algumas centenas de pessoas que *não* têm câncer, a maioria também declara ter tido emoções depressivas e traumas: a isso se chama condição humana. E esses casos são contados e recontados numa linguagem particularmente próxima do desespero, numa linguagem de desgosto, de obsessiva preocupação com a pessoa isolada e suas "relações" nunca completamente satisfatórias, e que tem a marca inconfundível de nossa cultura de consumo. Trata-se de uma linguagem que muitos americanos agora usam para falar deles próprios.¹²

12 Um estudo feito pela doutora Caroline Bedell Thomas, da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins, foi resumido como se segue num recente artigo de jornal ("Sua personalidade pode matá-lo?"): "Em resumo, as vítimas de câncer são pessoas de pouco ímpeto, raramente presas de explosões de emoção. Elas tem sentimentos de isolamento de seus pais que datam da mais tenra infância." Os doutores Claus e Marjorie Bahnson, do Instituto de Psiquiatria da Pensilvânia Oriental, "traçaram um perfil psicológico da negação da hostilidade, depressão e da memória de privação emocional na infância" e da "dificuldade em manter relações íntimas". O doutor O. Carl Simonton, radiologista em Fort Worth, Texas, que oferece aos pacientes tanto radiações quanto psicoterapia, descreve a personalidade do canceroso como alguém com "grande tendência a autopiedade e uma capacidade marcadamente reduzida para fazer e manter relações significativas". Lawrence LeShan, psicólogo e psicoterapeuta de Nova torque (*You Can Fight for Your Lift: Emotional Factors in the Carnation of Câncer* [1977]), proclama que "há um

Investigações levadas a efeito por alguns médicos no século passado mostraram uma profunda correlação entre o câncer e as queixas típicas da época. Ao contrário dos cancerosos americanos contemporâneos, que invariavelmente acusam sentimentos de isolamento e solidão desde a infância, os cancerosos vitorianos descreviam vidas intensas, sobrecarregadas de trabalho e obrigações familiares, e também de privações. Esses pacientes não exprimem descontentamento com suas vidas, nem especulam sobre a qualidade de suas satisfações e a possibilidade de uma "relação significativa". Os médicos encontraram as causas ou fatores de predisposição de seus pacientes ao câncer na aflição, na preocupação (observada como mais aguda entre homens de negócios e mães de famílias numerosas), em circunstâncias econômicas de restrição e súbitas reversões da sorte, e em excesso de trabalho, ou - se os pacientes eram escritores ou políticos de sucesso — na tristeza, na cólera, no excessivo esforço intelectual, na ansiedade que acompanha a ambição, e no estresse da vida pública.¹³

Os cancerosos do século XIX eram tidos como pessoas que contraíam a doença como resultado do excesso de atividade e esforço. Pareciam estar sobrecarregadas de emoções que tinham de ser refreadas. Como profilaxia do câncer, um médico inglês instava seus pacientes a "não exigir demais de suas forças e suportar as aflições da vida com equanimidade; sobretudo, não 'abrir caminho' a nenhuma tristeza". Tais recomendações de estoicismo têm agora sido substituídas por prescrições para que se exprima a própria personalidade, recapitulando-a até o grito primevo. Em 1885, um médico de Boston advertia a "quem tinha tumores aparentemente benignos no seio" das vantagens de "permanecer alegre". Hoje isso seria visto como um estímulo ao tipo de dissociação emocional que agora é considerada como suscetível de predispor as pessoas ao câncer.

tipo geral de configuração da personalidade na maioria dos cancerosos" e uma visão de mundo compartilhada pelos portadores da doença "que a anterior ao desenvolvimento da enfermidade". Ele divide "o padrão. básico emocional do canceroso" em três partes: "uma infância ou adolescência marcada por sentimentos de isolamento". a perda de "relação significativa", verificada na idade adulta, e uma subsequente "convicção de que a vida não comporta mais esperança". "O canceroso", escreve LeShan, "é quase invariavelmente desdenhoso de si mesmo, de sua capacidade e de suas possibilidades." Os cancerosos são "vazios de sentimento e desprovidos de personalidade".

13 "Sempre muita inquietação e trabalho duro" é uma anotação que aparece em muitos dos exemplos de casos nas *Clinical Notes on Câncer* (1883), de Herbert Snow, cirurgião no Hospital do Câncer de Londres, cujos pacientes, em sua maioria, eram pobres. Eis uma observação típica: "De 140 casos de câncer no seio, 103 se relacionavam com problemas preexistentes de complicações mentais, trabalho em excesso ou outro fator de enfraquecimento. De 187 casos de câncer no tórax, 91 apresentavam uma história semelhante." Os médicos cujos pacientes levavam vidas mais confortáveis faziam outras observações. O médico que tratou o câncer de Alexandre Dumas, G. von Schmitt, publicou um livro sobre o câncer, em 1871, no qual relacionou como "principais causas" da doença: "os estudos aprofundados e as ocupações sedentárias, a agitação febril e ansiosa da vida pública, as preocupações ligadas á ambição, os freqüentes paroxismos de cólera, os aborrecimentos violentos". Citado in Samuel J. Kowal, M.D., "Emotions as a Cause of Câncer: 18th and 19th Century Contributions", *Review of Psychoanalysis*, 42, 3 (julho de 1955).

As descrições populares dos aspectos psicológicos do câncer sempre se referem a velhas autoridades, começando com Galeno, que observou, que "as mulheres melancólicas" são mais propensas a contrair câncer no seio do que "mulheres sanguíneas". Mas os sentidos mudaram. Galeno (século II) entendia por melancolia uma condição psicológica com sintomas caracterológicos complexos; nós a entendemos como um mero estado de espírito. "A tristeza e a ansiedade", escreveu o médico inglês Sir Astley Cooper, em 1845, estão entre "as causas mais freqüentes" do câncer do seio. Mas as observações do século XIX abalam mais do que reforçam as recentes noções do século XX, pois evocam um tipo de personalidade maníaco-depressiva quase oposta ao da eritatura desamparada, que odeia a si mesma, emocionalmente inerte: a personalidade do canceroso contemporâneo. Que me conste, nenhum oncologista convencido da eficácia da poliquimioterapia e da imunoterapia no tratamento de pacientes contribui para fantasias sobre uma personalidade específica de canceroso. Não é preciso dizer que a hipótese de que a desgraça pode afetar a capacidade de defesa imunológica (e, em certas circunstâncias, reduzir a imunidade a doença) não é a mesma coisa - ou constitui evidência disso - que a opinião de que as emoções causam doenças, e muito menos a razão da crença de que emoções específicas podem produzir doenças específicas.

A recente conjecture sobre o tipo moderno de personalidade do canceroso tem seu real antecessor e contrapartida na literatura sobre tuberculose, em que a mesma história, contada em termos semelhantes, circulou por Longo tempo. Em seu *Morbidus Anglicus* (1672), Gideon Harvey designava "melancolia" e "cólera" como "a única causa" da tuberculose (para a qual ele usou o termo metafórico "corrosão"). Em 1881, um ano antes da publicação, por Robert Koch, de seu relatório em que anunciava a descoberta do bacilo da tuberculose e demonstrava que ele era a causa primária da doença, um livro didático de medicina citava como causas da tuberculose: disposição hereditária, clima desfavorável, vida sedentária dentro de casa, ventilação imperfeita, deficiência de luz e "emoções deprimentes".¹⁴ Embora o registro tivesse de ser alterado na edição seguinte, levou muito tempo para que as velhas noções perdessem a credibilidade. "Estou mentalmente enfermo, a doença dos pulmões nada mais é que um transbordamento da minha doença mental", escreveu Kafka a Milena em 1920. Aplicada a tuberculose, a teoria de que as emoções são causadoras de doenças sobreviveu em grande parte do século XX, até que, finalmente, se descobriu a cura da doença. A aplicação da teoria atualmente em moda - que relaciona o câncer ao retraimento emocional e a falta de autoconfiança e de confiança no futuro - não reúne probabilidades de provar-se mais sustentável do que sua aplicação tuberculose.



14 August Flint e William H. Welch, *The Principles and Practice of Medicine* (quinta edição, 1881), citado in René e Jean Dubos, *A peste branca* (1952).

De acordo com o historiador Keith Thomas, na Inglaterra dos fins do século XVI e de todo o século XVII, varrida pelas pestes, era largamente difundida a idéia de que "o homem feliz nunca é atingido pela peste". E possível que a fantasia segundo a qual um estado de espírito feliz seria capaz de afastar as doenças provavelmente floresceu para todas as doenças infecciosas, antes que fosse compreendida a natureza infecciosa da doença. As teorias de que as enfermidades são causadas por estados mentais e podem ser curadas pelo poder da vontade sempre constituem um índice da incompreensão do terreno físico da doença.

Além disso, há uma predileção particularmente moderna por explicações psicológicas da doença, como de tudo mais. Colocar as coisas no terreno psicológico parece garantir o controle sobre experiências e fatos (como uma doença grave), sobre os quais as pessoas, na verdade, têm pouco ou nenhum controle. A interpretação psicológica abala a "realidade" de uma doença. Tal realidade tem que ser explicada. (Ela realmente significa; ou a um símbolo; ou tem de ser interpretada dessa forma.) Para aqueles que não vivem nem de consolações religiosas para a morte nem com a idéia de que a morte (ou qualquer outra coisa) seja algo natural, a morte é o mistério obscuro, a suprema afronta, o fenômeno que não pode ser controlado. Ela só pode ser negada. Grande parte da popularidade e da persuasão da psicologia vem da sua condição de sublimado espiritualismo: uma maneira leiga e pretensamente científica de afirmar o primado do "espírito" sobre a matéria. Aquela realidade inelutavelmente material - a doença - pode ser dada uma explicação psicológica. Em última análise, a própria morte pode ser considerada um fenômeno psicológico. Groddeck declarou, em *The Book of the It* (falando de tuberculose): "Só morrerá aquele que deseja morrer, aquele para quem a vida é intolerável." A promessa de um triunfo temporário sobre a morte está implícita em muito do pensamento psicológico que começa com Freud e Jung.

No mínimo, há a promessa de um triunfo sobre a doença. Uma enfermidade "física" torna-se de certa maneira menos real — mas, em compensação, mais interessante — na medida em que pode ser considerada uma doença "mental". As especulações ao longo do período moderno tenderam firmemente a alargar a categoria de enfermidade mental. De fato, parte da negação da morte em nossa cultura constitui uma vasta expansão da categoria da doença como tal.

A doença expande-se por meio de duas hipóteses. A primeira é que cada forma de desvio social pode ser considerada uma doença. Assim, se se pode considerar a conduta criminosa uma doença, então não há que condenar ou punir os criminosos, mas compreendê-los (como um médico compreende), tratá-los e curá-los.¹⁵ A segunda é

¹⁵ Uma antiga demonstração deste ponto de vista, agora um tanto desmoralizado, está in Samuel Butler, *Erewhon* (1872). A maneira pela qual Butler sugere que a criminalidade é uma doença, como a tuberculose, que era ou hereditária ou o resultado de uma atmosfera insalubre, consistia em apontar o

que todas as doenças podem ser avaliadas por um ângulo psicológico. Basicamente, a doença é interpretada como um acontecimento psicológico e as pessoas são estimuladas a acreditar que elas adoecem porque (inconscientemente) querem adoecer, que podem curar-se pela mobilização da vontade, e que podem escolher entre morrer e não morrer da doença. Essas duas hipóteses são complementares. Enquanto a primeira parece afastar a culpa, a segunda a restabelece. As teorias psicológicas da doença são um meio poderoso de pôr a culpa no doente. Os pacientes que estão sendo instruídos no sentido de que, involuntariamente, causaram sua própria doença, também estão sendo levados a sentir que eles a mereceram.

absurdo da condenação do doente. Em Erewhon, aqueles que assassinavam ou roubavam eram simpaticamente tratados como pessoas doentes, enquanto a tuberculose era punida como um crime.

8

AS NOÇÕES punitivas da doença têm uma longa história e são particularmente atuantes em relação ao câncer. Existe uma "luta" ou "cruzada" contra o câncer. O câncer é a doença "assassina". As pessoas que têm câncer são "vítimas do câncer". Aparentemente, a doença é o réu, mas ao doente também cabe culpa. Teorias psicológicas da doença amplamente difundidas atribuem ao infeliz canceroso tanto a responsabilidade de ter caído enfermo quanto a de curar-se. E as convenções segundo as quais o câncer é tratado, não como uma simples doença, mas como um inimigo satânico, fazem dele &do só uma enfermidade letal mas também uma doença vergonhosa.

A lepra, em seu apogeu, suscitou um horror igualmente desproporcional. Na Idade Média, o leproso era um assunto social em que a corrupção vinha a tona; um caso exemplar; um símbolo da decadência. Nada é mais punitivo do que atribuir um significado a uma doença quando esse significado é invariavelmente moralista. Qualquer moléstia importante cuja causa é obscura e cujo tratamento é ineficaz tende a ser sobrecarregada de significação. Primeiro, os objetos do medo mais profundo (corrupção, decadência, poluição, anomia, fraqueza) são identificados com a doença. A própria doença torna-se uma metáfora. Então, em nome da doença (isto é, usando-a como metáfora), aquele horror é imposto a outras coisas. A doença passa a adjetivar. Diz-se que isto ou aquilo se parece com a doença, com o significado de que é nojento ou feio. Em francês, diz-se que uma fachada de pequenas pedras é *lépreuse*.

As doenças epidêmicas eram comumente usadas em sentido figurado como designativas de desordem social. De pestilência (peste bubônica) veio "pestilento", cujo sentido figurado, de acordo com o *Oxford English Dictionary*, é "injurioso A religião, a moral ou a tranqüilidade pública -1513"; e "pestilencial", que significava "moralmente nocivo e pernicioso - 1531". Os sentimentos relacionados com o mal são projetados numa doença. E a doença (assim enriquecida de significados) é projetada no mundo.



No passado, essas grandiloquas fantasias eram regularmente ligadas a doenças epidêmicas, doenças que constituíam uma calamidade coletiva. Nos dois últimos séculos, as moléstias mais usadas como metáforas do mal foram a sífilis, a tuberculose e o câncer, todas elas imaginadas primacialmente como enfermidade de indivíduos.

A sífilis era tida não só como um mal horrível, mas também vulgar e aviltante. Os antidemocratas usaram-na para evocar os sacrilégios de uma época igualitária. Baudelaire, numa nota para o seu nunca terminado livro sobre a Bélgica, escreveu:

Todos temos o espírito republicano em nossas veias, como a sífilis em nossos ossos. Estamos democratizados e venerealizados.

No sentido de uma infecção que corrompe a moral e debilita o físico, a sífilis estava fadada a ser comumente empregada em sentido figurado nas polêmicas anti-semitas dos fins do século XIX e princípios do século XX. Em 1933, Wilhelm Reich asseverou que "o medo irracional da sífilis era uma das maiores fontes do pensamento político nacional-socialista e do seu anti-semitismo". Mas embora ele tenha percebido que fobias sexuais e políticas estavam sendo projetadas numa doença através das terríveis alusões a sífilis contidas em *Mein Kampf*, nunca lhe ocorreu o quanto estava sendo projetado em seu persistente uso do câncer como metáfora alusiva aos doentes da era moderna. Com efeito, o câncer pode prestar-se muito mais elasticamente a metáforas do que a sífilis.

O emprego da sífilis como metáfora foi limitado porque a própria enfermidade não era vista como misteriosa, mas sim como terrível. Uma hereditariedade corrompida (*Os fantasmas*, de Ibsen), os perigos do sexo (*Babu de Montparnasse*, de Charles-Louis Philippe; *Doutor Fausto*, de Thomas Mann) - havia horror em profusão na sífilis. Mas nenhum mistério. Sua causa era Clara e compreendia-se que era uma só. A sífilis era o mais repugnante dos presentee, "transmitido" ou "transportado" por um portador, as vezes ignorante, ao destinatário que de nada suspeitava. Ao contrário, a tuberculose era vista como uma desgraça misteriosa, um mal com uma miríade de causas, exatamente como hoje, quando todos reconhecem o câncer como um enigma não resolvido, mas também geralmente o consideram determinado por múltiplas causas. Muitos fatores - tais como substâncias causadoras de câncer ("carcinógenas") no meio ambiente, constituição genética, redução das defesas imunológicas (por doença anterior ou trauma emocional), predisposição caracterológica - são responsabilizados. pela enfermidade. E não poucos pesquisadores afirmam que o câncer não é uma, porém mais de uma centena de doenças clinicamente distintas, que cada caso de câncer tem que ser estudado por si mesmo, e que o que eventualmente será desenvolvido é todo um conjunto de processos de curs, um para cada tipo de câncer.

A semelhança entre as idéias atuais sobre as múltiplas causas do câncer e as opiniões por longo tempo sustentadas sobre a tuberculose e agora desacreditadas

sugere a possibilidade de que o câncer, apesar de tudo, pode ser apenas uma doença que tenha, como aconteceu com a tuberculose, um agente causador principal, e que seja controlável mediante um programa de tratamento. Com efeito, como observou Lewis Thomas, todas as doenças para as quais o problema da causa foi equacionado, e que podem ser prevenidas e curadas, acabaram por ter uma simples causa física - como o pneumococo para a pneumonia, o bacilo de Koch para a tuberculose, uma deficiência de vitamina para a pelagra - e não é nada improvável que algo similar seja eventualmente isolado para o câncer. A noção de que uma enfermidade só pode ser explicada por uma variedade de causas é precisamente característica da maneira de avaliar as doenças cuja causa *não* é compreendida. E são as doenças das quais se acredita terem múltiplas causas (isto é, as doenças misteriosas) que reúnem as maiores possibilidades de serem usadas como metáforas para o que se considera social ou moralmente errado.



A tuberculose e o câncer (como a sífilis) têm sido usados para exprimir não só grosseiras fantasias 'sobre contaminação, mas também complexos sentimentos em relação a força, á fraqueza e a energia. Por mais de um século e meio, a tuberculose produziu um equivalente metafórico de delicadeza, sensibilidade, tristeza e fraqueza, enquanto tudo o que parecia cruel, implacável e predatório podia ser assemelhado ao câncer. (Assim, em 1852, em seu ensaio "*L'Ecole paienne*", Baudelaire observava: "Uma paixão desvairada pela arte é um câncer que devora o resto .,")

A tuberculose era uma metáfora ambivalente, ou seja, tanto um flagelo quanto um símbolo de refinamento. O câncer nunca foi visto senão como um flagelo; metaforicamente, a barbárie dentro do organismo.

Enquanto se pensava que a sífilis era contraída passivamente, como um desastre inteiramente involuntário, a tuberculose era, no passado, e o câncer é, atualmente, considerado uma patologia da energia, uma doença da vontade. A ambas as doenças se ligavam as preocupações com a energia e os sentimentos, bem como o medo das devastações que elas trazem. Pensavase que contrair tuberculose significava uma vitalidade imperfeita ou uma dissipação de vitalidade. "Ali estava uma grande falta de força vital e uma constituição de grande fraqueza" - assim Dickens descreveu o pequeno Paul em *Dom-bey e Filho*. A idéia vitoriana da tuberculose como uma doença relacionada com falta de energia (e sensibilidade elevada) tem seu exato complemento na idéia reichiana do câncer como uma doença relacionada com a energia contida (e sentimentos anestesiados). Numa era em que parece não ter havido qualquer inibição diante do desejo de ser produtivo, as pessoas estavam ansiosas em face da possibilidade de não terem suficiente energia. Na nossa própria era de superprodução destrutiva na economia e de crescentes restrições burocráticas sobre o indivíduo, existe tanto um medo de ter energia demais quanto uma ansiedade diante do impedimento a

manifestação da energia.

Como a teoria freudiana dos "instintos", que é do tipo da teoria econômica da escassez, as fantasias sobre a tuberculose que surgiram no século passado (e permaneceram até o nosso século) refletem as atitudes relacionadas com a primitiva acumulação capitalista. Temos uma quantidade limitada de energia, a qual precisa ser adequadamente despendida. (Na gíria inglesa do século XIX, ter um orgasmo não era "acabar", mas "despender".) As energias, como as economias, podem ser exauridas, esgotadas, esbanjadas, em consequência de um dispêndio temerário. O corpo começará a "consumir-se"; o paciente "definhará".

A linguagem usada para descrever o câncer evoca uma catástrofe econômica diferente, ou seja, um crescimento desregulado, anormal e incoerente. O tumor tem energia (o paciente, não); "ele" está fora de controle. As células do câncer, segundo diz o manual didático, são células que perderam o mecanismo que "restringe" o crescimento. (O crescimento de células normais a "autolimitador", devido a um mecanismo chamado "inibição de contato".) Células sem inibição, as do câncer continuarão a crescer e a estender-se umas sobre as outras de modo "caótico", destruindo as células, a arquitetura e as funções normais do corpo.

O capitalismo primitivo pressupõe a necessidade de dispêndios regulados, poupança, avaliação, disciplina - uma economia que depende da limitação racional dos desejos. A tuberculose é descrita em imagens que sintetizam o que há de negativo no comportamento do *homo economicus* do século XIX: consumir, desperdiçar, esbanjar vitalidade. O capitalismo avançado exige a expansão, a especulação, a criação de novas necessidades (o problema da satisfação e insatisfação), a compra a crédito, a mobilidade — uma economia que depende da indulgência irracional do desejo. O câncer é descrito em imagens que sintetizam o que há de negativo no comportamento do *homo economicus* do século XX: crescimento anormal, contenção de energia, isto é, recusa a consumir ou gastar.



Tal como a insanidade, a tuberculose era tomada como uma espécie de sectarismo: uma falha da vontade ou um excesso de violência. Por mais que a doença fosse temida, a tuberculose tinha seu patos. Como ocorre hoje com o doente mental, o tuberculoso era considerado alguém quinta-essencialmente vulnerável e cheio de caprichos autodestrutivos. Os médicos do século XIX e dos princípios do século XX procuravam persuadir seus pacientes tuberculosos a recuperar a saúde. Suas prescrições eram as mesmas que hoje são passadas aos doentes mentais: ambiente alegre, isolamento do estresse e da família, dieta sadia, exercício, repouso.

O conhecimento do câncer apóia noções de tratamento muito diferentes e confessadamente brutais. (Eis uma expressão chistosa bem comum em hospitais de

câncer, ouvida tanto dos médicos como dos pacientes: "O tratamento é pior do que a doença.") Está fora de questão mimar o paciente. Como se considera que o corpo do paciente está sob ataque ("invasão"), o único tratamento é o contra-ataque.

As metáforas relativas as idéias de controle e comando, na realidade, não são tiradas da economia, mas da linguagem militar. Todo médico e todo paciente atento está familiarizado com essa terminologia militar. Assim, as células do câncer não se multiplicam simplesmente; elas são "invasoras". (Os tumores malignos invadem até mesmo quando crescem muito lentamente", lê-se em um manual.) A partir do tumor original, as células do câncer "colonizam" regiões distantes do corpo, estabelecendo primeiro minúsculos postos avançados ("micrometástases") cuja presença é admitida, embora não possam ser detectados. Raramente as "defesas" do corpo são suficientemente vigorosas para obliterar um tumor que estabeleceu sua fonte de suprimento de sangue e consiste em bilhões de células destrutivas. Por mais "radical" que seja a intervenção cirúrgica, por maior que seja o número de "explorações" feitas na paisagem do corpo, as remissões, em sua maioria, são temporárias. As perspectivas são de que "a invasão do tumor" prossiga ou de que as células defeituosas eventualmente se reagrupem e preparem um novo assalto ao organismo.

O tratamento também tem um sabor militar. A radioterapia usa as metáforas da guerra aérea: os pacientes são "bombardeados" com raios tóxicos. E a quimioterapia é a guerra química, usando venenos.¹⁶ O tratamento objetiva "matar" células cancerosas (sem — assim se espera — matar o paciente). Os efeitos colaterais desagradáveis do tratamento são apregoados, na realidade super apregoados. (Uma frase comum é "a agonia da quimioterapia".) impossível evitar que se danifiquem ou se destruam células sadias (de fato, alguns métodos usados para tratar o câncer podem causar câncer), mas acredita-se que quase todo dano ao corpo é justificado se ele salva a vida do paciente. A verdade é que, muitas vezes, isso não funciona. (Como em: "Tivemos de destruir Ben Suc para salvá-lo.") Aí está toda a questão, mas o corpo é fundamental.

A metáfora militar na medicina foi usada em larga escala pela primeira vez na nona década do século passado, com a identificação das bactérias como agentes patológicos. Das bactérias se dizia que "invadem" ou "se infiltram". Mas agora, com o câncer, as expressões relativas a sítio e guerra, usadas para descrever a doença, têm um

16 As drogas do tipo mostarda nitrogenada (os chamados agentes alquilantes) — como a ciclofosfamida (Citoxan) — constituem a primeira geração dos medicamentos usados contra o câncer. Seu emprego — na leucemia (que é caracterizada por uma produção excessiva de glóbulos brancos imaturos) e depois em outras formas de câncer - foi sugerido por uma inadvertida experiência na guerra química em fins da Segunda Guerra Mundial, quando um navio americano, carregado com gás de mostarda, explodiu no porto de Nápoles, e muitos marinheiros morreram mais em consequência da redução letal de glóbulos brancos e plaquetas (isto é, envenenamento da medula) do que das queimaduras ou da ingestão de água do mar.

A quimioterapia e o armamento parecem andar lado a lado, embora somente apenas como uma fantasia. O primeiro êxito da moderna quimioterapia foi com a sífilis: em 1910, Paul Ehrlich introduziu um derivado do arsênico, a arsfenamina (Salvarsan), que foi chamado "a bala mágica".

contundente sentido literal e muita autoridade. Não só o desenvolvimento clínico da doença e seu tratamento médico são assim descritos, mas a própria doença é concebida como o inimigo contra o qual a sociedade trava a guerra. Mais recentemente, a luta contra o câncer soou como uma guerra colonial — com grandes aberturas de crédito pelo governo — e, numa década em que as guerras coloniais não têm andado bem, essa retórica militarizada parece um tiro saindo pela culatra. E crescente o pessimismo dos médicos com relação a eficácia do tratamento, a despeito dos grandes avanços feitos na quimioterapia e na imunoterapia desde 1970. Os jornalistas que cobrem a "guerra ao câncer" freqüentemente alertam o **pública**, a distinguir entre a ficção oficial e a crueza dos fatos. Alguns anos, atrás, um repórter científico achou que as proclamações da Sociedade Americana do Câncer, no sentido de que a doença é curável e de que tem havido Progresso nessa direção, "lembram o otimismo em torno do Vietnã antes do dilúvio". Uma coisa é ser cético em relação a retórica que envolve o câncer; outra é apoiar muitos médicos desinformados que insistem em que o câncer, na realidade, não é curável. As banalidades difundidas pelas instituições americanas ligadas ao câncer, as quais saúdam incansavelmente a iminente vitória sobre esse mal; o pessimismo profissional de um grande número de especialistas em câncer, falando como exaustos oficiais atolados numa interminável guerra colonial — são distorções gêmeas nesta retórica militar sobre o câncer.



Outras distorções se seguem com a extensão das imagens sobre o câncer em esquemas mais grandiosos de atividades guerreiras. Como a tuberculose era representada como a espiritualização da consciência, o câncer é entendido como a opressão e a obliteração da consciência. Na tuberculose, o doente está sendo devorado, refinado, está voltando ao seu âmago, ao seu verdadeiro ser. No câncer, células não inteligentes ("primitivas", "embrionárias", "atávicas") se multiplicam e a pessoa está sendo substituída pela "não-pessoa".(N.T. No original, "non-self".)

Vale a pena observar que Wilhelm Reich, que fez mais do que qualquer outro para disseminar a teoria psicológica do câncer, também encontrou algo equivalente ao câncer na biosfera.

Existe uma energia orgânica mortal. Ela está na atmosfera. Pode ser demonstrada com aparelhos, como o contador Geiger. E de uma qualidade pantanosa.... Estagnada, água mortal que não flui, não metabolize. O câncer, também, é devido a estagnação do fluxo da energia vital no organismo.

A linguagem de Wilhelm Reich tem sua própria e inimitável coerência. E cada vez mais - a medida que seus empregos metafóricos ganham em credibilidade - o câncer é visto como ele pensou que fosse, uma doença cósmica, o símbolo de todos os poderes alienígenas e destrutivos de que o corpo é hospedeiro.

Se a tuberculose era a doença do ego doente, o câncer é a doença do Outro. O câncer opera como num cenário de ficção científica: uma invasão de células "estrangeiras" ou "mutantes", mais fortes do que as células normais (*Invasion of the Body Snatchers*, *The Incredible Shrinking Man*, *The Blob*, *The Thing*). Um enredo-padrão de ficção científica é a mutação: os mutantes chegando do espaço exterior ou mutações acidentais entre os humanos. O câncer poderia ser descrito como uma mutação triunfante; e a mutação é principalmente uma imagem que agora se faz do câncer. Como uma teoria da gênese psicológica do câncer, o conjunto das imagens de Wilhelm Reich - energia reprimida, impedida de deslocar-se para fora, voltada contra si mesma, guerreiros furiosos comandando células - já constitui a matéria-prima da ficção científica. E a imagem que Reich faz da morte no ar - da energia mortal registrada num contador Geiger - sugere o quanto as imagens da ficção científica em torno do câncer (uma doença que vem de raios mortais e é tratada por raios mortais) são o eco do pesadelo coletivo. O medo original, quanto a exposição a radiação atômica, era o de deformidades nas gerações seguintes. Este foi substituído por outro medo, quando as estatísticas começaram a mostrar as altas taxas de incidência de câncer entre os sobreviventes de Hiroxima e Nagasáki e seus descendentes.

O câncer é uma metáfora para o que é mais ferozmente energético. E essas energias constituem o supremo insulto a ordem natural. Numa história de ficção científica de Tommaso Landolfi, a nave espacial é chamada "Rainha de Câncer". (Na gama das metáforas da tuberculose, dificilmente um escritor poderia ter imaginado uma intrépida belonave chamada "Rainha da Consunção".) Quando não é explicado como algo psicológico, sepultado no recesso do ego, o câncer é ampliado e projetado numa metáfora para o maior inimigo, o objetivo mais distante. Assim, a proposta de Nixon, destinada a emparelhar-se com a promessa feita por Kennedy de Or os americanos na Lua, foi, convenientemente, a de "conquistar" o câncer. O equivalente da legislação que estabelecia o programa espacial foi a Lei Nacional do Câncer, de 1971, que não tratava de decisões ao alcance da mão que poderiam colocar sob controle a poluidora economia industrial, mas só do grande objetivo: a cura.

A tuberculose era uma doença a serviço de uma visão romântica do mundo. Agora, o câncer está a serviço de uma visão simplista do mundo que se pode transformar numa paranóia. A doença é vivenciada como uma forma de possessão demoníaca - os tumores são "malignos" ou "benignos", como as forças - e muitos cancerosos aterrorizados estão dispostos a procurar curandeiros para serem exorcizados. O principal apoio organizado a panacéias perigosas como a Laetrile vem de grupos de extrema direita, para cuja paranóia política a fantasia de uma cura milagrosa do câncer presta uma útil contribuição, paralelamente a crença em objetos voadores não identificados. (A Sociedade John Birch distribui um filme de quarenta e cinco minutos chamado *World Without Câncer (O mundo sem câncer)*. Para os mais sofisticados, o câncer significa a rebelião da ecosfera agredida: a natureza vingando-se de um mundo tecnocrático iníquo. Falsas esperanças e terrores gratuitos são induzidos

por estatísticas cruéis, brandidas para o público em geral, tais como a de que 90 por cento dos casos de câncer são "causados pelo meio ambiente" ou aquela segundo a qual 75 por cento das mortes por câncer resultam de uma dieta imprudente ou do fumo. Acompanhando esse jogo de números (é difícil verificar como pode ser amparada qualquer estatística sobre "todos os casos de câncer" ou "todas as mortes por câncer"), cigarros, tintas para cabelos, sacarina, ayes alimentadas com hormônios, pesticidas, carvão de baixo teor de enxofre - um prolongado toque de recolher para produtos que temos na conta de causadores de câncer. Os raios X produzem câncer (o tratamento que se supõe curar, mata). O mesmo fazem as emanções do aparelho de televisão, do forno de microondas e do relógio de mostrador fluorescente. Como acontece no caso da sífilis, um ato - ou exposição - inocente ou trivial; no presente pode ter horrendas conseqüências no futuro longínquo. Também se sabe que são altas as taxas de incidência de câncer entre trabalhadores num grande número de indústrias. Embora os processos exatos de estabelecimento das causas que jazem por trás das estatísticas permaneçam desconhecidos, parece claro que muitos cânceres são evitáveis. Mas o câncer não é uma doença introduzida pela Revolução Industrial (havia câncer na Arcádia) e também certamente a^o é mais do que o pecado do capitalismo (com sua capacidade industrial mais limitada, os russos poluem mais do que nós). A opinião atualmente difundida de que o câncer é uma doença da civilização industrial é tão alienada quanto a fantasia da extrema direita de "um mundo sem câncer" (como um mundo sem subversivos). Ambas repousam no enganoso sentimento de que o câncer é tipicamente uma doença "moderna".

A experiência medieval da praga estava firmemente ligada a noções de poluição moral, e as pessoas invariavelmente procuravam um bode expiatório alheio a comunidade atingida. (Em todas as partes da Europa de 1347-48, assolada pela peste, ocorreram massacres de judeus em número sem precedentes, os quais cessaram quando a praga recuou.) Com as doenças modernas, o bode expiatório não é tão facilmente separado do paciente. Mas, por muito que essas doenças individualizem, elas também recolhem algumas das metáforas relativas a doenças epidêmicas. (As doenças tidas como simplesmente epidêmicas tornaram-se menos úteis como metáforas, conforme se evidencia pela quase total amnésia histórica com relação a gripe pandêmica de 1918-19, quando morreu mais gente do que nos quatro anos da Primeira Guerra Mundial). Atualmente, não passa de um lugar-comum dizer que o câncer é causado "ambientalmente", como era —e ainda é— dizer que é causado por emoções mal controladas. A tuberculose era associada a poluição (Florence Nightingale pensava que ela era "induzida pelo ar viciado das casas") e agora se acredita que o câncer é uma doença da contaminação do mundo inteiro. A tuberculose era "a peste branca". Com a consciência da poluição ambiental, as pessoas começaram a dizer que existe uma "epidemia" ou "praga" de câncer.

9

AS DOENÇAS sempre foram usadas como metáforas para reforçar Acusações de que uma sociedade era injusta ou corrupta. As metáforas tradicionais com doenças constituem principalmente uma maneira, de apelar para a veemência. Comparadas com as modernas metáforas, elas são relativamente desprovidas de conteúdo. Shakespeare faz muitas variações em torno de uma forma comum de metáfora, uma infecção no "corpo político", não distinguindo entre um contágio, uma infecção, uma ferida, um abscesso, uma úlcera, e o que poderíamos chamar um tumor. Para os efeitos de injuriar, as doenças são de apenas dois tipos: a doença dolorosa mas curável e a doença possivelmente fatal. As doenças específicas figuram como exemplos de doença em geral. Nenhuma enfermidade tem sua lógica característica. As imagens que se fazem da doença são usadas para exprimir preocupação com a ordem social, e a saúde é algo de que presumivelmente todos têm conhecimento. Tais metáforas não projetam a moderna idéia de uma doença específica dominante, na qual o que está em questão é a própria

As doenças críticas, como a tuberculose e o câncer, são mais especificamente polêmicas. Elas são usadas para propor padrões novos e críticos de saúde individual e para exprimir um sentido de descontentamento com a sociedade como tal. Diversamente das metáforas elisabetanas - que sempre se queixam de alguma aberração geral ou calamidade pública que é transferida para os indivíduos -, as metáforas modernas sugerem um profundo desequilíbrio entre o indivíduo e a sociedade, sendo a sociedade concebida como o adversário do indivíduo. As metáforas da doença são usadas para julgar a sociedade, não como desequilibrada, mas como repressiva. Elas se transformam regularmente em metáforas românticas, que opõem o coração a cabeça, a espontaneidade a razão, a natureza ao artifício, o campo a cidade.

Quando a viagem para um local de melhor clima foi inventada como tratamento da tuberculose no século XIX, foram propostos os mais contraditórios locais. O sul, as montanhas, o deserto, as ilhas - sua própria diversidade sugere o que eles têm em comum: a rejeição da cidade. Em *La Traviata*, logo que Alfredo conquista o amor de Violeta, ele providencia a mudança dela da insalubre e pecaminosa Paris para o saudável campo. Segue-se um instante de saúde. E a decisão de Violeta de renunciar a felicidade é equivalente a deixar o campo e retornar a cidade, onde seu destino está

selado, sua tuberculose reaparece e ela morre.

A metáfora do câncer amplia tema da rejeição da cidade. Em *Ilusões perdidas*, no capítulo "Uma celebridade provinciana em Paris", Balzac descreve Lucien de Rubempré depois de um sarau literário:

Esta noite ele viu as coisas como elas são. E em vez de ser tomado de horror diante do espetáculo daquele câncer no próprio coração de Paris, ele se intoxicou com o prazer de estar num meio intelectualmente tão brilhante. Aqueles homens notáveis, com sua deslumbrante couraça de vício.....

Antes de ser entendida, literariamente, como um meio causador de câncer (cancerígeno), a cidade era vista, ela própria, como um câncer - um lugar que cresce de modo anormal e artificial, um lugar de paixões extravagantes, devoradoras e sufocantes.¹⁷

Ao longo do século XIX, as metáforas da doença se tornaram mais virulentas, grotescas e demagógicas. E há uma crescente tendência a chamar de doença qualquer situação que se quer reprovar. A enfermidade, que poderia ser considerada uma parte da natureza, tanto quanto o é a tornou-se sinônimo do que quer que se tenha tornado "artificial". Em *Os miseráveis*, Victor Hugo escreveu:

O monasticismo, tal como existiu na Espanha e como existe no Tibete, é uma espécie de tuberculose para a civilização. Ele rompe com a vida. Falando de modo simples, ele despoeva. Confinamento, castração. Foi um flagelo na Europa.

Em 1800, Bichat definiu a vida como "o conjunto de funções que resiste á morte". Esse contraste entre a vida e a morte viria a ser transferido para um contraste entre a vida e a doença. A doença (agora equiparada a morte) é o que se opõe a vida.

Em 1916, em "Socialismo e cultura", Gramsci denunciou

o hábito de pensar que cultura a conhecimento enciclopédico..... Essa forma de cultura serve para criar o intelectualismo pálido e de asas quebradas.... que produziu toda uma multidão de fanfarrões e sonhadores mais perniciosos para

¹⁷ Em *The Living City* (1958), Frank Lloyd Wright comparou a cidade de antigamente, um organismo sadio ("A cidade, então, não era maligna"), com a cidade moderna. "Olhar o corte transversal do mapa de uma grande cidade é como olhar a secção de um tumor fibroso." O sociólogo Herbert Gans chamou-me a atenção para a importância da tuberculose e sua suposta ou real ameaça nos movimentos de remoção de cortiços e de construção de "habitações-modelo" dos fins' do século XIX e princípios do século XX, quando havia o sentimento de que os cortiços eram "chocadeiras" de tuberculose. O desvio da tuberculose para o câncer na retórica do planejamento habitacional ocorreu nos anos 50. A "ferrugem" (um virtual sinônimo de cortiço*) é vista como um câncer que se espalha insidiosamente, e o uso do termo "invasor" para descrever uma pessoa de cor e pobre que se muda para as vizinhanças da classe média é tanto uma metáfora tomada do câncer quanto dos manuais militares: os dois discursos se superpõem.

uma vida social sadia do que os micróbios da tuberculose ou da sífilis são para a saúde e a beleza do corpo.

Em 1919, Mandeistam pagou o seguinte tributo a Pasternak:

Ler os versos de Pasternak é como limpar a garganta, fortificar a respiração, encher os pulmões; tal poesia deve ser boa para a saúde, uma cura para a tuberculose. No momento presente, nenhuma poesia é mais saudável. E como beber cúmis depois de tomar leite americano enlatado.

E Marinetti, denunciando o comunismo em 1920:

O comunismo é a exasperação do câncer burocrático que sempre arruinou a humanidade. Um câncer alemão, um produto da característica agressividade alemã. Toda a agressividade pedante é anti-humana.

E pela mesma iniquidade que o escritor profascista italiano ataca o comunismo e o futuro fundador do Partido Comunista Italiano investe contra certa idéia burguesa de cultura ("verdadeiramente perniciosa, especialmente para o proletariado", diz Gramsci), por ser artificial, pedante, rígida, sem vida. Tanto a tuberculose como o câncer foram regularmente invocados para condenar práticas e ideais repressivos, sendo a repressão concebida como uma situação que priva as pessoas de força (tuberculose) ou de flexibilidade e espontaneidade (câncer). As modernas metáforas da doença especificam um ideal de bem-estar da sociedade, assemelhado a saúde física, que é tão freqüentemente apolítico quanto o é um apelo a uma nova ordem política.



A ordem é a mais antiga preocupação da filosofia política e, se é plausível cotejar a "pólis" com o organismo, então é plausível cotejar a desordem civil com uma doença. As formulações clássicas que comparam uma desordem política a uma doença - de Platão a, digamos, Hobbes - pressupõem a idéia médica (e política) clássica de equilíbrio. A doença vem do desequilíbrio. O tratamento se destina a restaurar o correto equilíbrio - em termos políticos, a correta hierarquia. O prognóstico, em princípio, é sempre otimista. A sociedade, por definição, nunca contrai uma doença fatal.

Quando uma imagem construída com a doença é usada por Maquiavel, a presunção é de que a doença pode ser curada. A "consunção", escreveu ele,

no começo é fácil de curar e difícil de compreender; mas quando ela não, é descoberta no devido tempo nem tratada de acordo com um princípio adequado, torna-se

de compreender e difícil de curar. A mesma coisa acontece com os negócios de

estado. Quando são previstos a distância, o que só é feito por homens de talento, os males que poderiam deles decorrer são logo curados; mas quando, por falta de previsão, eles estão sujeitos a crescer até uma altura em que são percebidos por todos, então não há mais nenhum remédio.

Maquiavel invoca a tuberculose como uma doença cujo progresso pode ser contido se ela é detectada num estágio inicial (quando seus sintomas são escassamente visíveis). Com uma previsão adequada, a evolução de uma doença não é irreversível, o mesmo acontecendo com as perturbações na ordem política. Maquiavel oferece uma metáfora da doença que não se relaciona tanto sociedade como a política (concebida como uma arte terapêutica): da mesma forma que a prudência é necessária para controlar doenças graves, a previsão é necessária para controlar crises sociais. Trata-se de uma metáfora relativa a previsão, uma exortação para a necessidade de prever.

Na grande tradição da filosofia política, a analogia entre a doença e a desordem civil é proposta para estimular os governantes a seguirem uma política mais racional. "Embora nada possa ser imortal - o que os mortais, entretanto, julgam ser" escreveu Hobbes,

se os homens tivessem o uso da razão que pretendem ter, suas comunidades poderiam, pelo menos, ser preservadas de perecer por causas internas.... Portanto, quando elas chegam a desmantelar-se, não em consequência de violência externa, mas de desordem interna, a culpa não está nos homens na medida em que sejam *criaturas*, mas na medida em que sejam *criadores* e governantes de si mesmos.

A opinião de Hobbes é tudo menos fatalista. Os governantes têm a responsabilidade e a capacidade (através da razão) de controlar a desordem. Para Hobbes, o homicídio ("violência externa") é o único meio "natural" pelo qual uma sociedade ou instituição morre. Perecer de desordem interna — assemelhada a doença — é suicídio, algo absolutamente evitável, um ato de vontade ou mais propriamente uma falha da vontade (isto é, da razão).

A metáfora da doença foi usada na filosofia política para reforçar o apelo a reação racional. Maquiavel e Hobbes fixaram numa parte da sabedoria médica a importância de debelar a doença grave bem cedo, enquanto seu controle é relativamente fácil. A metáfora da doença também poderia ser usada para encorajar os governantes a outro tipo de previsão. Em 1708, Lord Shaftesbury escreveu:

Na humanidade há certos caprichos a que, por necessidade, se deve dar vazão. A mente e o corpo humanos são, ambos, naturalmente sujeitos a comoções. como há estranhos fermentos no sangue, o que em muitos corpos ocasiona uma descarga extraordinária.... Se os médicos se esforçassem para acalmar esses fermentos do corpo e para golpear os humores que se descobrem em tais

erupções, eles poderiam, em lugar de efetuar uma cura, estar começando a provocar uma praga e transformando uma sezão ou uma febre do feno em febre maligna epidêmica. Certamente, eles são como médicos doentes no corpo político que necessariamente estaria falsificando essas erupções mentais e, sob a ilusória pretensão de estar curando esse desejo ardente de superstição e salvando almas do contágio de entusiasmo, estariam colocando toda a natureza em alvoroço e transformando alguns carbúnculos inocentes numa inflamação e gangrena mortal.

O ponto de vista de Shaftesbury é o de que é racional tolerar uma certa irracionalidade ("superstição", "entusiasmo"), e de que medidas repressivas rigorosas antes podem agravar a desordem do que curá-la, transformando um simples incômodo num desastre. A ordem política não deveria ser supermedicada; não se deveria procurar um remédio para todo e qualquer distúrbio.

Para Maquiavel, a previsão; para Hobbes, a razão; para Shaftesbury, a tolerância — todas essas são idéias de como a política adequada, concebida numa analogia médica, pode prevenir uma desordem fatal. Presume-se que a sociedade esteja basicamente gozando de boa saúde; a doença (desordem), em princípio, é sempre controlável.



No período moderno, o uso de imagens relativas a doença na retórica política implica outras suposições menos suaves. A idéia moderna de revolução, baseada numa estimativa da persistente desolação da situação política existente fragmentou o velho uso otimista das metáforas de doenças. Em dezembro de 1772, John Adams escrevia em seu diário:

O panorama diante de mim... é muito sombrio. Meu País acha-se em Miséria profunda e tem bem pouco Motivo de Esperança.... O Corpo do Povo parece estar extenuado pela luta, e a Venalidade, a Vileza e a Prostituição avançam e se espalham como um Câncer.

Os acontecimentos políticos começaram a ser comumente definidos como inauditos e radicais. E, eventualmente, tanto as perturbações civis como as guerras vieram a ser entendidas como verdadeiras revoluções. Não foi com a Revolução Americana, como se poderia esperar, mas com a Revolução Francesa, que as metáforas da doença no sentido moderno adquiriram seus direitos, particularmente na reação conservadora a Revolução Francesa. Em *Reflections on the Revolution in France* (1790), Edmund Burke colocou em confronto as guerras mais antigas e as perturbações civis decorrentes da Revolução Francesa, que ele entendia ter um caráter totalmente novo. Antes, qualquer que fosse o desastre, "os órgãos ... do estado, embora abalados, existiam". Mas, dirigia-se ele aos franceses, "vossa confusão atual, como uma paralisia, atacou a fonte da própria vida"

Como as teorias clássicas da "pólis" seguiram o caminho das teorias dos quatro humores, assim uma idéia moderna da política foi complementada por uma idéia moderna da doença. A enfermidade equivale a morte. Burke invocou a paralisia (e "a úlcera viva de uma memória corrosiva"). Logo a ênfase recairia sobre doenças repugnantes e fatais. Tais doenças não devem ser controladas ou tratadas; devem ser atacadas. No romance de Victor Hugo, sobre a Revolução Francesa, *O noventa e três* (1874), o revolucionário Gauvain, condenado a guilhotina, absolve a Revolução, com todo o seu derramamento de sangue, inclusive de sua iminente execução, porque *é* uma tormenta. Uma tormenta sempre sabe o que faz. A civilização estava nas garras da praga; esta tempestade vem para resgatá-la. Talvez ela não seja bastante seletiva. Pode ela agir de outra forma? A ela está confiada a árdua tarefa de varrer a doença! Diante da terrível infecção, eu compreendo a fúria dos ventos.

Difícilmente seria a última vez que a violência revolucionária encontraria justificação nas idéias de que a sociedade tem uma doença terrível e radical. Os tons melodramáticos da metáfora da doença no moderno discurso político assumem uma noção punitiva: da doença, não como um castigo, mas como um signo do mal, algo a ser punido.

Os movimentos totalitários modernos, quer de direita, quer de esquerda, têm tido uma peculiar - e reveladora - inclinação para usar imagens relacionadas com a doença. Os nazistas declaravam que uma pessoa de origem "racial" promíscua é como um sífilítico. A comunidade judia européia era repetidamente associada com a sífilis e com um câncer que tem de ser extirpado. As metáforas da doença constituíam uma matéria prima das polêmicas bolchevistas e Trótski, o mais dotado dos polemistas bolcheviques, usou-as em profusão, particularmente depois de seu banimento da União Soviética em 1929. O estalinismo era chamado de cólera, sífilis e câncer.¹⁸ O uso exclusivo de doenças fatais para imagens na política dá a metáfora um caráter muito mais penetrante. Hoje, fazer a analogia entre um acontecimento ou uma situação política e uma doença significa imputar-lhe culpa e prescrever-lhe um castigo.

18 Cf. Isaac Deutscher, *Trótski, o profeta banido, 1929-1940* (1963): " 'Certas medidas', escreveu Trótski a (Philip) Rahv (em 21 de março de 1928), 'se fazem necessárias na luta contra a teoria incorreta, assim como outras no combate a uma cólera epidêmica. Stálin está incomparavelmente mais próximo da cólera do que de uma falsa teoria. A luta deve ser intensa, truculenta, impiedosa. Uma dose de "fanatismo" é salutar.' " E: "Trótski falava da 'sífilis do estalinismo' ou do 'câncer que tem de ser extirpado do movimento operário com um ferro em brasa' ..."

De modo notável, *Pavilhão dos câncerosos*, de Solzhenítsin, virtualmente não contém qualquer emprego do câncer como metáfora, para o estalinismo ou para qualquer outra coisa. Solzhenítsin não estava adulterando seu romance quando, esperando vê-lo publicado na União Soviética, declarou a direção da União dos Escritores, em 1967, que o título não era "uma espécie de símbolo", como estava sendo acusado, e que "o assunto é específica e literalmente o câncer"

Isso é particularmente verdadeiro no que se refere ao uso do câncer como metáfora. Ele importa dizer, antes de tudo, que o acontecimento (ou a situação) é absoluta e irremediavelmente perverso. Esse uso eleva enormemente o cacife. Hitler, em seu primeiro panfleto político, uma diatribe anti-semita escrita em setembro de 1919, acusava os judeus de produzirem "uma tuberculose racial entre as nações".¹⁹ A tuberculose ainda conservava seu prestígio como a doença ativa e condenável do século XIX. (Recorde-se a comparação de Victor Hugo entre o monasticismo e a tuberculose.) Mas os nazistas modernizaram rapidamente sua retórica e, na realidade, as imagens do câncer se prestaram muito mais a seus intentos. Como foi afirmado em discursos sobre "o problema judeu" nos anos 30, para tratar um câncer deve-se extirpar muito do tecido sadio em torno dele. As imagens do câncer, para os nazistas, prescrevem tratamento "radical", em contraste com o tratamento "suave", embora adequado, da tuberculose - a diferença entre sanatório (isto é, exílio) e cirurgia (isto é, crematório). (Os judeus também eram identificados com a vida urbana e tornaram-se uma metáfora para ela, com a retórica nazista fazendo eco dos lugares-comuns românticos sobre as cidades como um meio debilitante, meramente cerebral, moralmente contaminado e insalubre.)

Descrever um fenômeno como um câncer é um incitamento a violência. O uso do câncer no discurso político estimula o fatalismo e justifica medidas "severas", bem como reforça poderosamente a noção generalizada de que a doença é necessariamente fatal. O conceito de doença nunca inocente. Mas poderia alegar-se que as metáforas do câncer são, em si mesmas, implicitamente genocidal. Nenhuma opinião política específica parece ter o monopólio dessa metáfora. Trótski chamou Stálin de câncer do marxismo. No ano passado, na China, a Gangue dos Quatro tornou-se, entre outras coisas, "o câncer da China". John Dean explicou Watergate a Nixon: "Temos um câncer - junto a presidência - que está crescendo." A metáfora-padrão das polêmicas árabes - ouvidas no rádio pelos israelenses todos os dias nos últimos vinte anos - é que Israel é "um câncer no coração do Mundo Árabe" ou "o câncer do Oriente Médio", e um oficial que, com as forças direitistas dos cristãos libaneses, sitiava o campo de refugiados palestinos de Tal Zaatar, em agosto de 1976, chamou o campo de "câncer na sociedade libanesa". Aqueles que desejam exprimir indignação parecem achar difícil resistir a tendência a usar a metáfora do câncer. Assim, Neal Ascherson escreveu em 1969 que o caso Slânski "foi - é - um imenso câncer no organismo do estado e da nação tcheca".

19 "O poder [do judeu] é o poder do dinheiro, o qual, sob a forma de juros, multiplica-se incessantemente e sem esforço em suas mãos, e impõe às nações o mais perigoso dos juros. Tudo o que leva os homens a lutarem por coisas mais altas, seja a religião, o socialismo ou a democracia, é apenas um meio para atingir um fim, para a satisfação da concupiscência do dinheiro e da dominação. Suas atividades produzem uma tuberculose racial entre as nações." Um precursor da ideologia nazista, Julius Langbehn, em fins do século XIX, chamou os judeus de "peste e cólera meramente transitórias". Mas na imagem que Hitler fez da tuberculose já existe algo facilmente transferido para o câncer: a idéia de que o poder judaico "multiplica-se incessantemente e sem esforço"

Simon Leys, em *Sombras chinesas*, fala do "câncer maoísta que está corroendo a face da China". D. H. Lawrence chamou a masturbação "o câncer mais profundo e mais perigoso de nossa civilização". E uma vez eu escrevi, no auge do desespero com a nossa intervenção no Vietnã, que "a raça branca é o câncer da história humana".

Mas, como ser moralmente severo neste fim de século 'XX? Como, quando há tanto com que ser severo? Como; quando temos uma noção do mal, mas não mais dispomos da linguagem religiosa ou filosófica para falar com inteligência sobre o mal? Tentando compreender o mal "radical" ou "absoluto", procuramos metáforas adequadas. Mas as modernas metáforas da doença não passam, todas elas, de balas de festim. As pessoas que estão com a doença real também são desservidas ao ouvir o nome da sua doença constantemente insinuado como a síntese do mal. Só no mais limitado sentido é que algum acontecimento ou problema histórico se assemelha a uma doença. E a metáfora do câncer é particularmente grosseira. Invariavelmente, ela constitui um estímulo a simplificar o que é complexo e um convite ao farisaísmo, senão ao fanatismo.

instrutivo - comparar a imagem do câncer com a da gangrena. Com algumas das mesmas propriedades metafóricas do câncer - começa do nada; espalha-se; é repugnante -, a gangrena parece estar carregada de tudo o que um polemista desejaria. Com efeito, ela foi usada numa importante polêmica moral - contra o uso da tortura pelos franceses na Argélia, nos anos 50. O título do célebre livro sobre essa tortura é *La Gangrène*. Mas há uma grande diferença entre as metáforas do câncer e da gangrena. Primeiro, com a gangrena fica clara a causalidade. Trata-se de uma coisa externa (a gangrena pode desenvolver-se a partir de um arranhão). O câncer é tido como misterioso, uma doença com múltiplas causas, tanto internas como externas. Segundo, a gangrena não é um desastre total. Muitas vezes ela leva a amputação e, menos freqüentemente, a morte. Quanto ao câncer, presume-se que ele leve a morte na maioria dos casos. Não é a gangrena - e não a praga (a despeito das notáveis tentativas de escritores tão diferentes quanto Artaud, Reich e Camus, de impô-la como metáfora para o que é funesto e desastroso), mas o câncer que continua a ser a mais radical das metáforas construídas com a doença. E exatamente porque é tão radical, é particularmente tendenciosa - uma boa metáfora para paranóicos, para aqueles que precisam transformar campanhas em cruzadas, para os fatalistas (câncer = morte), e para aqueles que se acham sob o encanto do otimismo revolucionário anti-histórico (a idéia de que só as mudanças mais radicais é que são desejáveis). Enquanto tantas hipérboles militaristas forem ligadas a descrição e ao tratamento do câncer, ele será uma metáfora particularmente inapta para o amor à paz.

Certamente, é provável que a linguagem usada sobre o câncer evolua nos anos vindouros. Decisivamente, deverá mudar quando a doença for finalmente compreendida e a proporção de curas se tornar mais elevada. Aliás, já está mudando, com o desenvolvimento de novas formas de tratamento. Como a quimioterapia esta cada vez

mais substituindo a radiação no tratamento de cancerosos, uma forma de tratamento eficaz (que já constitui uma terapia complementar de comprovada utilidade) parece estar em algum tipo de imunoterapia. Os conceitos começaram a mudar em certos círculos médicos, nos quais os pesquisadores estão se concentrando num rápido desenvolvimento das reações imunológicas do corpo diante do câncer. Como a linguagem do tratamento evolui, desde as metáforas militares da guerra de agressão as metáforas que caracterizam as "defesas naturais" do corpo (o que se chama "sistema imunodefensivo" também pode - para romper inteiramente com a metáfora militar - ser chamado "aptidão imunológica" do corpo), o câncer será parcialmente desmitificado e, então, poder-se-á comparar alguma coisa com o câncer sem que isso implique um diagnóstico fatalista ou um excessivo apelo a luta por todos os meios contra tudo o que seja um inimigo mortífero e insidioso. Aí talvez se torne moralmente permissível - o que não ocorre atualmente - usar o câncer como metáfora.

Contudo, nessa época talvez ninguém mais queira comparar algo de terrível com o câncer. Uma vez que o interesse da metáfora deve-se precisamente a ela se referir a uma doença tão carregada de mistificação e da fantasia de inescapável fatalidade; uma vez que nossas opiniões sobre o câncer e as metáforas que lhe impusemos são um veículo das grandes insuficiências desta cultura, da nossa atitude superficial diante da morte, da nossa ansiedade com os sentimentos, das nossas reações temerárias e levianas aos nossos verdadeiros "problemas de crescimento", da nossa incapacidade para construir uma sociedade industrial avançada que regule o consumo adequadamente, e dos nossos justificados temores do curso cada vez mais violento da história; a metáfora do câncer se tornará obsoleta - eu ousaria vaticinar - muito antes que os problemas por ela refletidos de modo tão persuasivo tenham sido resolvidos.